

CONTRA O ESPAÇO GEOGRÁFICO



JULIO CESAR VAZ NITSCHÉ

CURITIBA - PARANÁ 2016

JULIO CESAR VAZ NITSCHÉ

CONTRA O ESPAÇO GEOGRÁFICO

1ª edição

Curitiba
Edição do autor
2016

Nitsche, Julio Cesar Vaz

Contra o espaço geográfico: edição independente / J.C.V.
Nitsche – 1ª ed. – Curitiba; 2016

ISBN 978-85-920924-1-2

1. Estagio evolutivo do homem
2. Influência da filosofia na Geografia
3. Epistemologia geográfica
4. Conceitos espaciais
5. Diagnósticos interativos.

A REPRODUÇÃO É RESTRITA

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por qualquer meio de mídia: fotográfico, fotocópia, fotomecânico, nem mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a devida referência bibliográfica (esta fonte).

Capa: Julio Cesar Vaz |Nitsche

Imagem in: <http://og.infg.com.br/in/17323829-bfd-afd/FT1500A/550/buracos-negros-binarios.jpg>

A Verdade é dura como o diamante - e delicada como a flor do pessegueiro.

Vocês podem me acorrentar, torturar e até destruir meu corpo, mas nunca aprisionarão minha mente.

Pensamento de Gandhi

Ao adentrar na casa de um colega geógrafo, J. C. V. Nitsche percebeu que seu amigo estava ocupado com um recipiente de vidro que comportava aproximadamente cento e vinte litros de água. Logo, Nitsche perguntou:

- O quê está fazendo amigo?

- Ah...Acabei de criar um espaço para os peixes! Gostou do meu aquário?

Nitsche respondeu: Peixes necessitam de cuidados, tais como: iluminação adequada, controle do PH, tratamento d'água e de alimentos...Você não criou espaço para os peixes, mas sim, desenvolveu um ambiente propício a vida aquática!

***Aos meus pais que sempre
me confortaram nos
momentos mais
difíceis de minha
jornada***

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
As origens.....	8
O nascimento da filosofia ocidental e sua influência na Geografia.....	14
Uma nova abordagem conceitual sobre Espaço.....	21
Geografia ferramenta de análise ou ciência.....	36
Influências negativas ao progresso construtivo da ciência.....	47
Palavras finais.....	54
Bibliografia.....	56
Sites visitados.....	63
Notas de fim.....	63

APRESENTAÇÃO

Muitos livros e teses ofereceram valiosas contribuições às ideias sobre as questões filosóficas e práticas geográficas, e transmitir estes ao conhecimento do público em geral (a sociedade brasileira) é a finalidade deste manuscrito. Contendo ainda, uma reflexão sobre as atividades geográficas e o ideal de se realizar diagnósticos interativos para que possa contribuir com uma nova realidade do pensamento geográfico e social, questionando a representatividade do espaço como objeto de estudo e formulando novas análises e praxes aos conceitos que se referem.

Desta forma, o presente manuscrito possui a intenção de demonstrar novas possibilidades, e o manifesto contra a criação de espaço realizado pelas mãos humanas. Afirmando que a sociedade não cria espaço, mas desenvolve ambiente artificial. E o espaço é apenas a delimitação geográfica onde ocorre a interação sociedade/natureza.

E se acaso aparecer algum intelecto dizendo que já existe um livro assim, faz necessário, por parte deste, provar. Pois; até o presente momento não há evidências de autores repudiando o espaço como objeto de estudo da Geografia.

AS ORIGENS

O Mundo científico não é palpável, e sua visualização é livre de conceitos pré-definidos, cada pessoa ou pesquisador pode vê-lo ou percebe-lo de várias maneiras, pois tudo depende do idealismo formal filosófico de cada indivíduo que cria, forma e reformula suas bases de pré-existência, recaindo na metafísica dos conceitos de concretizar o abstrato, criando o concreto através de paradigmas e paradoxos. Metafísica significa o conhecimento das causas primárias e dos primeiros princípios dos conhecimentos provenientes da razão pura. E tais conhecimentos, não afirmam uma visão de mundo ou de natureza estagnado(a).

Através da atividade cerebral do homem é que foi possível perceber o mundo abstrato da ciência, digo abstrato porque não se pode tocar ou ver. Apenas refletimos e fazemos uso da razão e da percepção para perceber a existência de tais conjuntos de saberes que se adquirem pela meditação, experiência e leitura, criando desta maneira uma doutrina filosófica que considera os conhecimentos científicos como definitivos, negando a importância dos problemas inacessíveis aos métodos científicos. E só podemos senti-la, quando concretizamos algo na superfície do nosso planeta, como edifícios, casas (moradias em geral), veículos automotores, embarcações, usinas geradoras de energia, e tudo mais que se possa construir através das bases científicas e/ou por intermédio da vivência e experiência. Além destes, ainda podemos criar objetos que podem vagar no Espaço Cósmico, como espaçonaves, telescópios, satélites, base espacial e outros.

(...) Pedi a ele: “Tu que és a sabedoria e que me conduzes por esta estância infernal, satisfaz o meu desejo de bem conhecer este lugar (...)”. Transcrito do livro “A Divina Comédia, Canto X.”

Neste complexo universo do pensamento humano, encontra-se um mundo conhecido por Geografia, que ainda não possui uma exata localização, pois se tratando de um mundo novo e inexplorado suas coordenadas oscilam entre as Ciências da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais, Antropologia, Ciências Exatas e outras. Como se pode perceber, é quase impossível mapear com exatidão suas dimensões e localidade científica. Tendo ainda, vários pensadores que redefinem o que é geografia e o que o geógrafo faz. Será possível existir uma ciência assim?

“QUEM NÃO CONHECE A REGIÃO ONDE MORA, NÃO CONHECE A SI MESMO”.

Esta frase de Nitsche (1999), tem uma conotação muito ampla, apesar de ser bem simples em sua estruturação gramatical, pois ela expressa uma realidade que não se percebe de imediato, sendo necessária uma análise profunda de seu significado. Estas palavras podem ser inseridas na região de estruturação do mundo geográfico, pois muitos geógrafos ainda não definiram e nem sabem ao certo do conceito básico da ciência geográfica, implicando na própria atuação do geógrafo no mercado de trabalho. Com ênfase nestas questões, abordar-se-á as diretrizes analíticas do pensar geografia, no intuito de colaborar com novas perspectivas ao pensamento geográfico. Estas e outras questões estão sendo abordadas nesta obra, conforme se inicia:

A origem da geografia está relacionada com os estágios de evolução do homem, sendo classificadas em quatro estágios conforme exposto:

1º Estágio: Australopithecínio-Homo, remontando cinco milhões de anos atrás, com diversas variedades de fósseis hominídeos e com ferramentas rudimentares feitas de pedra.

2º Estágio: Homo erectus, com idades aproximadas de um milhão de anos atrás, com uma duração de cem mil anos.

3º Estágio: Surgem os humanóides transicionais e em seguida os neandertalenses e seus contemporâneos menos diferenciados.

4º Estágio: Datando de aproximadamente 40 mil anos, surgem os primeiros vestígios de esqueletos totalmente modernos, sendo denominado de Homo sapiens.

Todos os três primeiros estágios apresentam humanóides fabricando ferramentas e no último estágio, observa-se o homem moderno formado, adaptado às transformações ambientais, que no processo demonstrado, o ambiente estava em constante mutação e desequilíbrio, com variâncias climáticas, sendo estas evidências e comprovadas através dos estudos geográficos, geológicos e paleontológicos, além de serem evidenciados na arqueologia, através dos estudos dos ossos fósseis.

Tais fatos demonstram que o ser humano adquiriu experiências e conhecimento que possibilitaram o desenvolvimento e criação de ferramentas e habilidades para superar as fases de transformação ambiental, prosperando em sua jornada evolutiva do raciocínio e desenvolvimento corporal, o que possibilitou a construção de sua própria cultura.

Nas palavras de Braidwood (1907), *“A cultura permanece, embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam. Por outro lado, a cultura muda conforme mudam as convenções e entendimentos. Quase se pode dizer que a cultura vive nas mentes das pessoas que a possui. Mas as pessoas não nascem com ela, adquirem-na à medida que crescem.”*

Para Braidwood, a cultura significa o modo como um grupo de pessoas

pensa, crê e vive, além de suas capacidades de manufaturar vestimentas, instrumentos e a forma de como se fazem as coisas.

Adotando este enfoque sobre a cultura, conota-se a ideia de que para se criar e desenvolver cultura é necessário pensar e estabelecer um raciocínio lógico e ao mesmo tempo metafísico, estabelecendo o padrão de inteligência do ser humano dentro de sua corrida evolutiva começada há 3,5 milhões de anos, quando surgem os macacos hominídeos, antecessores do homem moderno. Pode-se estabelecer estas fases de desenvolvimento da seguinte maneira: Período Paleolítico (de 3,5 milhões a.C. até 10.000 a.C.), Mesolítico (de 10.000 a 8.000 a.C.) e Neolítico (de 8.000 a 4.000 a.C), sendo que a domesticação de animais, o surgimento da agricultura, a utilização dos metais e a descoberta da escrita marcam o fim dessa fase.

Os exemplares de hominídeos mais antigos são: *Ardipithecus kadabba* datado com aproximadamente 5.700.000 (cinco milhões e setecentos mil anos), ainda sendo estudado pela mesma equipe internacional de pesquisa que descobriu em 17 de dezembro de 1992 o primeiro dente de hominídeo datado em aproximadamente 4. 400.000 (quatro milhões e quatrocentos mil anos), sendo que no ano de 1994, foram encontrados mais de 90 (noventa) ossos do *Ardipithecus ramidus* (Ardi), sendo esta uma fêmea, à oeste do rio waoache localizado na região de Afar, em Aramis, no que atualmente denominamos de Etiópia. Logo após, na cadeia evolucionária, aparece o *Australopithecus afarensis* (*a Lucy*), com aproximadamente 3 milhões de anos, encontrados em Afar na década de 20, mais especificamente em 1925. A evolução do *afarensis* resulta em pelo menos duas outras linhagens: o *Australopithecus africanus* e os *Paranthropus boisei* e *robustus*. Os *Paranthropus* não deixam vestígios de evolução, tornando-se praticamente um beco evolutivo. O *Australopithecus africanus* evolui para o *Homo erectus* ou *Pitecanthropus*, há aproximadamente 2 milhões de anos. O *Homo erectus* – É o primeiro a usar objetos de ossos e pedras como ferramentas e como arma, a empregar o fogo e provavelmente, a falar. Evolui, há 700 mil anos, para o *Homo neanderthalensis* (o homem de Neanderthal) e, há 500 mil anos, para o *Homo sapiens*, do qual descende o homem atual. Porém, o mais recente achado, o *sahelanthropus tchadense* de 7 mil de anos, está sendo caracterizado por BRUNET, como sendo o mais antigo ancestral do homem moderno (In: Folha de São Paulo – 15/07/2002. pp11).

A evolução histórica dos hominídeos até o *Homo sapiens* não ocorre de forma linear. Agrupamentos inteiros do gênero *Homo* desaparecem em consequência de variações climáticas, condições geográficas, miscigenação e outros fenômenos naturais.

Existem duas teorias amplamente aceitáveis, existindo ainda, uma que não é muito bem recebida, sobre o local onde surgem os antepassados do homem. A primeira sustenta (com base na descoberta do *afarensis*), que a origem é a África

(nas savanas), de onde teria começado a se espalhar pelo mundo há 200 mil anos. A segunda apóia-se nos achados de restos do *Homo erectus* em Java, Indonésia (1,8 milhão de anos), e do *Homo sapiens* em Jinniushan, China (200 mil anos), e diz que a evolução de uma espécie ocorre em diferentes regiões da Terra, em momentos nem sempre coincidentes. A terceira, que não é aceita por muitos antropólogos e arqueólogos, enuncia que a África é o local de surgimento de nossos antepassados, porém, este primórdio ser é semi-aquático e não se originou nas savanas. Esta teoria se fundamenta em questões funcionais do corpo humanóide e fatos que tentam elucidar simples perguntas: “Por quê estes primitivos seres andavam com apenas os membros inferiores? E como fizeram isso? E por quê?” Mas tudo o que se sabe da evolução humana está apenas engatinhando, Graças a descoberta do *Ardipithecus kadabba* e o *ramidus*, confirmando muitas idéias de Darwin e ao mesmo tempo refutando alguns pensamentos deste brilhante pesquisador. Além de refutar as teorias que enunciam sobre a origem da bipedalidade, pois, o *Ardipithecus* vivia em ambiente florestal e não em ambiente savânico, desconstruindo imediatamente os pilares teóricos que corroboravam e respaldavam teorias sobre o ambiente de origem do homem.

Saindo destas análises, voltamos aos períodos evolutivos de nossa condição de ser humano, sendo assim representado:

A Idade da Pedra Lascada (Paleolítico), é o período mais longo e antigo da história humana. Estende-se de 3,5 milhões de anos a.C. a 10.000 a.C. Os diferentes grupos hominídeos vivem em pequenos bandos ou grupos se preferir, alimentam-se de caça, pesca e coleta de frutos. Abriga-se em cavernas. Desenvolvem muito lentamente a linguagem oral e a fabricação de instrumentos de osso e pedra, com os quais caçam, guerreiam e realizam entalhes nas paredes e em diferentes momentos, aprendem a utilizar e produzir fogo.

Entre os anos 10.000 e 8.000 a.C. (Mesolítico), o domínio sobre o fogo, aliado à domesticação de animais ao cultivo das plantas e à fabricação de instrumentos mais avançados, incluindo a cerâmica, promove a sedentarização dos grupos de hominídeos, surgindo consecutivamente a divisão do trabalho baseada principalmente no sexo. Isso não significa que a mulher ou a fêmea agia passivamente no grupo, apenas representa que cada indivíduo desenvolvia suas funções gerais e algumas específicas, como caçar e cuidar da prole.

O desenvolvimento da agricultura e o início da metalurgia, entre os anos de 8000 e 4.000 a.C., constituem os aspectos principais da chamada revolução neolítica. Nesse período, também conhecido como Idade da Pedra Polida, os homens agrupam-se em povoados e aumenta a divisão do trabalho, que permite a produção de excedentes e a realização de intercâmbio com outras comunidades.

Ao adquirir estes conceitos e entendimento de suas capacidades administrativas e de suas ações e observações, o homem pôde desenvolver a arte, sendo esta dividida em dois grandes grupos: o primeiro grupo seria a **arte portátil**,

que é expressa pela maneira de se trabalhar com pedras, ossos, madeira e barro, criando pontas de flechas, arremessadores de lança, arpão de osso, machado, panelas e jarros. Mas essa arte que é expressa ou identificada por alguns historiadores e arqueólogos, não surge da intuição ou do espírito que nos inspira a criar arte em si. Surge da necessidade de sobrevivência. Esses artefatos foram criados para caçar, coletar frutos, vegetais e armazenar água. Logo, surge do instinto de se manter vivo.

E o segundo grupo, representado pelas pinturas em cavernas e rochas e a escultura, que são as representações de animais e grupos sociais de indivíduos desenhados nas paredes das cavernas, ou objetos feitos de seixos moldados, representando seres vivos como tartaruga e pássaros (zoólitos). Nesse ponto da história evolutiva do ser, é demarcada e evidenciada a presença de objetos e técnicas, que surgem graças ao intuitivo, da expressão mais profunda do ser...da alma.



Arte pré-histórica (Interne, 2016)

O homem se autodescobre, com sua força de pensamento conhece os minerais, produz abrigo, domestica animais, inicia processos extrativistas, conhece as propriedades de curas das plantas, delimita plantações e cultiva milho, arroz e trigo, inovando e aperfeiçoando suas técnicas e desenvolvendo novos implementos, até conquistarem a civilização e construção de cidades.

Antes de expressar o texto a seguir, devo informar que não há saltos temporais (tempo e éras do período geo-biológico) e muito menos contextuais. O que será descrito é a maneira de como o filósofo e pesquisador Friedrich Engels observa a evolução humana respaldada no trabalho, validando e respaldando o que foi anteriormente dito. Mencionar tal fato se faz necessário, devido aos intelectuais que fazem as análises de manuscritos para possível publicação e não prestam a atenção no que estão lendo, ou simplesmente são tão arrogantes ao ponto de menosprezar uma literatura desse tipo); e dizem que há saltos. Mas a leitura não é temporal e sim observacional/analítica.

Nas palavras de Friedrich Engels (1896, p. 01-02) *“O trabalho é a fonte de*

toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. Há muitas centenas de milhares de anos, numa época, ainda não estabelecida em definitivo, daquele período do desenvolvimento da Terra que os geólogos denominam terciário provavelmente em fins desse período, vivia em algum lugar da zona tropical - talvez em um extenso continente hoje desaparecido nas profundezas do Oceano Índico - uma raça de macacos antropomorfos extraordinariamente desenvolvida. Darwin nos deu uma descrição aproximada desses nossos antepassados. Eram totalmente cobertos de pelo, tinham barba, orelhas pontiagudas, viviam nas árvores e formavam manadas. É de, supor que, como consequência direta de seu gênero de vida, devido ao qual as mãos, ao trepar, tinham que desempenhar funções distintas das dos pés, esses macacos foram-se acostumando a prescindir de suas mãos ao caminhar pelo chão e começaram a adotar cada vez mais uma posição ereta. Foi o passo decisivo para a transição do macaco ao homem.”

Para Engels, o trabalho manual e físico foi o responsável pela transformação de um ser com características semi-bípede para bípede, que possuía a habilidade de caminhar ereto. Porém esta conclusão é especulativa, pois não há nada nos registros paleontológicos e/ou arqueológicos que sustentem tal afirmação. É possível que sua análise se baseie na observação das atividades de alguns primatas que permanecem em pé durante algum tempo, quando estão coletando galhos e alimentos. Mas não se pode atribuir tal postura devido ao único pretexto do trabalho puro, pois neste ponto, existem vários outros fatores que devem ser avaliados, como por exemplo: O hábito comportamental reflexivo e instintivo que remonta a ancestralidade deste indivíduo ou espécie.

Os registros fósseis apontam uma linha evolutiva já adaptada ao ser bípede que caminha ereto, porém não foram encontrados evidências ou vestígios fósseis intermediários – mais antigos, que poderiam elucidar as causas dos primeiros passos eretamente dados.

O trabalho pode não ter sido o principal responsável pelo andar ereto dos humanóides, mas com certeza, sua contribuição foi de suma importância para o desenvolvimento da sociedade e da civilização, sendo que Popper (1972), analisa a evolução da vida e da emergência do ser humano e do desenvolvimento da civilização em um padrão construtivo de três mundos, sendo assim demonstrado:

- **Mundo 1** – Formado por coisas materiais, com uma visão objetiva de mundo.
- **Mundo 2** – É o mundo subjetivo da mente.

- **Mundo 3** – Mundo de estruturas objetivas que são o produto, não sendo este, obrigatoriamente intencional, da ação dos espíritos de criaturas vivas, existindo independentemente desses espíritos. Um exemplo disto: Todas as estruturas criadas pelos animais fora de seu corpo. A represa construída por castores é um bom exemplo. Sendo assim, as próprias estruturas, transformam-se no centro do meio ambiente do animal, para o qual se orienta a parte mais importante de seu comportamento. E como o homem é um animal mamífero, ele constrói ambientes conscientemente ou não¹¹.

O ser humano adquiriu a capacidade de realizar o abstrato, criou equipamentos e desenvolveu artifícios para a construção de suas residências, usufruindo recursos naturais e transformando-os em matéria prima para a confecção de suas vestes e demais objeto para seu conforto pessoal e social. A mente humana é capaz de assimilar e estruturar raciocínios lógicos e abstratos, bem como expressar estes sentimentos através da escrita, gestos, figuras, monumentos, estátuas, criando simbologias, e cultuando o sobrenatural.

A união desta habilidade do pensar estrutura as classes sociais, fundamenta a religião, cria uma visão de mundo, explora as possibilidades e inventa o estudo do saber e do conhecimento.

O trabalho unifica os povos, aglomerados humanos começam a se fortalecer culturalmente e ideologicamente, iniciando o processo construtivo das cidades e da civilização, onde se identifica monumentos arquitetônicos, uma administração centralizada de poder, estratificações sociais e atividades comerciais definidas. Tais conjecturas favorecem o amadurecimento espiritual, social e cultural, que por sua vez, trás as primeiras noções de visão de mundo, sendo mais evidenciadas nas concepções dos primeiros filósofos.

Neste momento, o homem está pronto para buscar as questões do quem sou, para onde vou, de onde vim... SURGEM OS PENSADORES GREGOS!

O NASCIMENTO DA FILOSOFIA OCIDENTAL E SUA INFLUÊNCIA NA GEOGRAFIA

Para os próprios autores gregos, o estudo da filosofia iniciou-se com os “Bárbaros”, povos que não falavam a língua grega e tal expressão não era pejorativa ou racista, conforme conota Diógenes Laertios (que viveu no Século III), em seu livro “Vida e Doutrina dos filósofos Ilustres”. Sendo aqui demonstrado algumas contribuições:

Os povos da Mesopotâmia são os primeiros a observar e registrar sistematicamente os fenômenos astronômicos. Definem os conceitos de dia, mês e ano e organizam os primeiros calendários. Diferenciam os planetas (estrelas errantes) das estrelas (estrelas fixas). Reconhecem os planetas observáveis a olho

nu, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno e desenvolvem métodos matemáticos para calcular seus movimentos e os da Lua.

Quase todos os povos da Antiguidade desenvolvem calendários lunares, baseados nas fases da Lua: dividem o ano em 12 meses de 29 ou 30 dias, num total de 354 ou 355 dias. A defasagem de 11 dias em relação ao ano solar é corrigida pela inclusão de um mês extra ao final de um certo número de anos.

Os egípcios são os primeiros a calcular calendários com base no ciclo das estações: o ano tem 360 dias divididos em 12 meses de 30 dias e mais cinco dias extras, dedicados aos deuses. Os romanos adotam o calendário egípcio em 46 a.C., com a introdução de um ano bissexto, com 366 dias, a cada quatro anos. Em 1582, o papa Gregório XIII reforma o calendário Juliano: suprime dez dias de diferença que haviam se acumulado ao longo dos séculos e, para evitar defasagens futuras, opta pela supressão de três anos bissextos a cada 400 anos.

Os gregos sofreram influência dos povos babilônicos ou assírios, indianos, celtas e gálatas, de acordo com o testemunho de Aristóteles em sua obra “O Mágico”. Com estas influências, inicia-se o processo de formação das questões filosóficas, sendo criado por Pitágoras o termo filosofia e se autodenomina filósofo (que significa: amigo da Filosofia).

Conforme os relatos de LAERTIOS (1988), a filosofia tem uma origem ambígua, começando com Anaxímandros e o próprio Pitágoras, sendo que o primeiro era discípulo de Tales e o segundo, recebeu lições de Ferecides. Surgem então, duas escolas, sendo assim descritas:

Iônica – Porque Tales, um milésio e portanto um iônio.

Italiota – Devido a Pitágoras que filosofou na Itália durante sua trajetória de vida.

A Escola Iônica termina com Cleitômacos, Crísipos e Teôfrastos, sendo que a escola italiota, encerra-se com os Epicúros. Ainda, conforme as análises de Laertios, a sucessão passa de Teles a Maxímandros, Anaxímenes, Anaxágoras, Arquelaos, até Sócrates, sendo este último o introdutor da ética na Filosofia, denominando seus discípulos de “Os Socráticos”, sendo Platão um de seus representantes mais importantes, fundador da Academia Antiga, por meio de Spêusipos e Xenocrates, passando a Polêmon, Crântor e Crates, sendo que o fundador da Academia Média é Arcesílaos e Lacides figura como o fundador da Academia Nova. A Escola Iônica finda com seus últimos representantes, passando de Platão a Aristóteles e deste para Teôfrastos.

A Escola Italiota apresenta seus seguidores, assim mencionados, Ferecides a Pitágoras, passando a Telauges (filho deste último), a Xenofanes, Parmênides, Zênon de Elea, Leucipos, Demócritos e finalmente Epicúlos.

Destes fatos expostos, surgem duas correntes de pensadores, os Dogmáticos e os Céticos, que são caracterizados pela maneira de ver o mundo e suas relações com o que é conhecido ou não, assim posto, se atribui aos dogmáticos “aqueles que pressupõem que as coisas são existentes”, sendo que os céticos,

analisam “como não sendo possível conhecermos as coisas”. Sendo dogmáticos ou não, muitos dos filósofos não deixaram registros escritos, porém foram seguidos e são referenciados até os dias de hoje, como Sócrates.

Surge posteriormente a Escola Eclética, fundada por Pôtamom de Alexandria, que elaborou uma seleção de doutrinas de todas as existentes, escrevendo uma obra denominada “Elementos de Filosofia” (mencionado por LAERTIOS), sendo que sua abordagem é o critério da verdade aquilo que forma o juízo, ou seja, o princípio dominante da alma e o instrumento usado são a percepção acurada. Seus princípios universais são a matéria e a causa eficiente, a qualidade e o lugar, pois aquilo de que e por que uma coisa é feita, bem como a qualidade com que e o lugar em que algo é feito, são princípios. O fim a que ele se subordina todas as ações é a vida levada a perfeição em todas as formas de excelência, sendo as vantagens naturais corpóreas e ambientais indispensáveis à consecução desse objeto devendo menciona-los para que possamos entender o desenvolvimento de cada área do saber, citando alguns grandes nomes que contribuíram direta ou indiretamente para a existência concreta da Geografia, como **PLATÃO**: Nasceu em Atenas, por volta de 428/7 (?), e era membro de uma aristocrática e ilustre família. Descendia dos antigos reis de Atenas, de Sólon e era também sobrinho de Crítias (460/403) e Cármites, dois dos "Trinta Tiranos" que governaram Atenas no ano de 404. Entre 409 e 404, Lutou na Guerra do Peloponeso, sendo que em algum momento nesse período conheceu Sócrates, e sua admiração por este ilustre pensador foi decisiva em sua vida, tendo-o como seu mestre. O seu verdadeiro nome era Aristócles, mas devido à sua compleição física recebeu a alcunha de Platão ("ombros largos"). **ARISTÓTELES**: Nascido em Estagira, na Grécia do Norte, filho de médico da corte Macedônia. Aos treze anos foi enviado para Atenas, a fim de estudar na Academia de Platão, tendo ficado associado à mesma por vinte anos. Logo após a morte de Platão foi para a Ásia Menor, dando seguimento aos seus estudos biológicos e filosóficos, sendo que em 342a.C. voltou para Macedônia como tutor de Alexandre Magno, conforme esclarece LOSEE (1979). **ARQUÊLAOS**: Foi mestre de Sócrates, qualificavam-no de naturalista, pois com ele terminou a filosofia natural, quando Sócrates introduziu a ética. Sua teoria naturalista baseia-se no seguinte raciocínio: A água evapora-se sob ação do calor e quando precipita condensa-se por causa do fogo, produz a terra, ao inundar tudo em volta gera o ar, sendo assim, a terra é delimitado pelo ar e o ar pelo fogo que circunda tudo. Os seres vivos são gerados pela terra quando é aquecida e assim a terra produziu até o homem. **SÓCRATES**: Filho do escultor Sofroniscos e da parteira Fainareté, nascido em Atenas, no quarto ano da 77ª Olimpíada, participou da campanha de Anfípolis. Sócrates era conhecido como grande orador e filósofo da ética. Sua morte data no primeiro ano da 95ª Olimpíada, aos setenta anos de idade (LAERTIOS, 1988). **ERATOSTHENES**: (276a.C.-196 a.C.) Matemático, astrônomo, geógrafo e poeta

grego, nasceu em Cyrene (Shahhat, Líbia). Em 240 a.C. tornou-se bibliotecário-chefe da Biblioteca de Alexandria, ficando responsável na sua época pelo maior acervo sobre o conhecimento humano. Eratosthenes é mais conhecido hoje pelo seu preciso cálculo da circunferência da Terra, numa época aonde não se acreditava que a Terra seria redonda. Para chegar a tais cálculos Eratosthenes empregou seus conhecimentos de astronomia para determinar a latitude de Assuã e Alexandria no Egito, e mediu a distância entre elas, tendo notado que a imagem da sombra de uma torre de igual altura em Assuã e Alexandria tinha diferentes comprimentos numa mesma hora do dia, ele chegou a conclusão de que a Terra era redonda e calculou com estes dados a sua circunferência. Porém, existem autores que defendem que não eram as sombras das torres que Eratosthenes media, ele observava que um poço em Siena (Assuan) somente recebia luz solar na lâmina d'água entre 20 a 22 de junho. Logo ele percebeu que Siena localizava-se no Trópico de Câncer e sabia que havia um outro poço em Alexandria com o mesmo fenômeno. Tudo o que ele fez foi medir a distância de Siena e Alexandria, resultando aproximadamente 5.000 estádios, sendo que 1 estádio vale 41.25 metros. Seu maior mérito foi um tratado sistemático sobre geografia; após ficar cego com quase 80 anos se suicidou por inanição. Este filósofo foi o primeiro a explicar a voz como sendo uma concussão do ar e a formação do mar se dá através de concavidades devido a infiltrações através da terra. O sol é o maior dos astros e todo o universo é infinito. **HIPARCO** (190 a.C – 120 a.C): seu marco, entre outros feitos importantes, foi a descoberta da precessão dos equinócios, inventou o dioptra e o astrolábio. Desenvolveu o método de projeção estereográfica, favorecendo o avanço cartográfico. **STRABO**: (63a.C. - 24 d.C.), geógrafo e historiador grego, nasceu em Amaseia, Strabo começou seus estudos com Aristodemus e em 44 a.C. foi para Roma estudar com Tyrannion, ex-professor de Cícero. Antes de deixar Roma ele concluiu sua monumental obra de 43 volumes intitulada 'Esboço Histórico'. Em 31 a.C. Strabo começou suas viagens na Europa, Ásia e África, tendo viajado quase todo o mundo conhecido da época, ele voltou a Roma em 17 d.C. e escreveu seu mais importante trabalho de 17 volumes intitulado 'Geographicae'. Esta foi a primeira vez que surgiu a palavra Geografia. Os volumes seriam conhecidos atualmente como guias e eram escritos para uso militar. Esta obra é o principal documento daquela época conservado inteiro (com exceção de partes do volume sete), conforme relata LOSEE (1979). Sua lógica de raciocínio permitiu-lhe dizer que o princípio do universo é a água e que o mundo é dotado de 365 dias. Tales desponta como sendo o primeiro dos primeiros, estudando política, física, matemática, razão, imortalidade e a natureza (seja ela universal ou humana). **MARINUS** (90 – 168 d.C): Para a Geografia, contribuiu com o desenvolvimento de tabelas náuticas, tendo como feito maior, a determinação de uma latitude e longitude para cada local. **PTOLOMEU** (também Claudius Ptolomeus, 100-70 d.C.): Astrônomo e matemático grego, viveu em Alexandria, Egito e era cidadão romano. Seu primeiro trabalho foi o 'Almagesti', traduzido para

o árabe 500 anos depois. Nesta obra ele propunha o sistema de geocentrismo o qual descrevia a Terra no centro do universo com o sol, planetas e as estrelas rodando em círculos ao seu redor. Este trabalho de Ptolomeu influenciou o pensamento astronômico durante mais de mil e quinhentos anos até ser substituído pela teoria heliocêntrica de Copérnico. Para a Geografia sua mais importante obra foi “A Geografia” uma tentativa de mapear o mundo conhecido da época, demarcando latitudes e longitudes de locais importantes, acompanhadas de mapas e uma descrição de técnicas de mapeamento. Nesta compilação Ptolomeu utilizou-se de dados estabelecidos por ele mesmo e de Hiparco, Strabo e Marinus de Tiro. Mesmo com informações imprecisas este trabalho foi a principal ferramenta de orientação geográfica e cartográfica até o fim da renascença. **TALES DE MILETO** (623/4 – 546/8): Fundador da Escola Jônica, observou os eclipses solares e foi o primeiro a explicá-los. Conforme Diógenes Laertius, embasado nas descrições de Dúris e Demócrito, Tales era filho de Exâmias e Cleobulina, que pertenciam a família de Nelidas, que conforme Platão, foi o primeiro a receber o título de sábio. Suas obras e atuações recaem desde a política até a matemática, escrevendo duas obras concretas “Do Solstício” e a outra se denominava “Do Equinócio”, sendo o primeiro a estudar Astronomia e o primeiro a prever um eclipse em 585 a.C., reconhecido ainda por Calímaco como sendo o descobridor da constelação Ursa Maior. Tales foi o primeiro filósofo a determinar o curso do sol, declarando ainda, que este astro correspondia a 720^{a} do círculo solar, e que o tamanho da luz emitida correspondia à fração do círculo lunar. Determinando ainda o nome do último dia do mês o nome de trigésimo. Aristóteles (Da Alma, 405), afirma em seus manuscritos que Tales, observando o âmbar e uma pedra-ímã, atribuiu uma alma até aos objetos inanimados. Sendo mencionado ainda por Panfile, que relata: “(...) *Tendo aprendido geometria com os egípcios, Tales foi o primeiro a inscrever um triângulo equilátero num círculo e por esta descoberta sacrificou um boi*”.

Os gregos são os primeiros a afirmar que a Terra é esférica e realiza um movimento de rotação em torno do Sol e que a Lua apenas reflete a luz solar. Organizam vários catálogos de estrelas e chegam a afirmar o heliocentrismo, quinze séculos antes de Copérnico.

Estes filósofos anteriormente mencionados, são os responsáveis pelo nascimento da ciência em si e suas áreas de atuação, além do próprio ramo científico denominado de Geografia, graças ao pensador STRABO (63a.C. - 24 d.C.).

Porém, os que se destacam como geógrafos fundadores de uma geografia moderna teórica-prática são: **FRIEDRICH WILHELM. HEINRICH. ALEXANDER VON HUMBOLDT** (Berlim, 14/09/1769 – 06/05/1879): Geógrafo, naturalista e explorador alemão, nasceu em Berlim, mais conhecido pelas suas contribuições à geologia, climatologia e oceanografia. Ainda jovem Humboldt foi apresentado a um

grupo de intelectuais, entre os quais Moses Mendelssohn. Em 1879 ele foi para a Universidade de Gottingen, onde estudou arqueologia, física e filosofia. O seu interesse por botânica e explorações foi intensificado ao conhecer Georg Forster, que acabará de voltar de uma viagem ao redor do mundo com o famoso Capitão James Cook. No ano seguinte, Humboldt abandonou Gottingen para estudar geologia com A.G. Werner na escola de minas de Freiburg, tornando-se inspetor de minas para o governo da Prússia. Uma farta herança de sua mãe o permitiu se dedicar aos seus interesses por exploração científica. Em 1799, Humboldt explorou durante 5 anos a América Latina, visitando países como Equador, Colômbia, Venezuela, México e Peru, além de parte da bacia amazônica. coletando muitos dados sobre o clima, fauna, flora, astronomia, geologia e sobre o campo magnético da Terra. Durante sua estada no Peru fez precisas medições sobre uma corrente fria descoberta por ele que veio a ser chamada pelo seu nome e hoje é mais conhecida como Corrente do Peru. Após uma breve estada nos Estados Unidos da América foi morar em Paris onde ficou até 1827, período durante qual escreveu uma obra de 23 volumes com as descobertas feitas naquela viagem anteriormente citada. Em 1827 viajou para Berlim e foi nomeado assessor do rei da Prússia. Em 1829 por convite do Czar russo Nicolau I viajou aos Montes Urais e Sibéria para fazer estudos geológicos e fisiográficos. Dedicando sua vida a escrever sua principal obra intitulada 'Kosmos' na tentativa abrangente de descrever o universo como um todo e mostrar que tudo era inter-relacionado. Humboldt foi o primeiro a mapear pontos isotérmicos, impulsionando o estudo da climatologia. **KARL RITTER** (07/08/1779 Quedlimburgo-Alemanha – 28/09/1859 – Berlim): Geógrafo alemão, conhecido como fundador da moderna ciência da geografia. Ritter mostrou ao mundo o princípio da relação entre a superfície da Terra a natureza e os seres humanos, era defensor constante do uso de todas as ciências para o estudo da geografia. Foi professor de geografia na Universidade de Berlim de 1820 até sua morte; seu mais importante trabalho, 'Die Erdkunde' (Ciência da Terra, 19 volumes, 1817- 1859), enfatizava a influência de fenômenos físicos na atividade humana. **FRIEDRICH RATZEL** (30/08/1844 Kalsruhe-Alemanha – 09/08/1904 L. Starnberger): Geógrafo e etnólogo alemão fundador da geografia política moderna ou geopolítica, o estudo da influência do ambiente na política de uma nação ou sociedade. Dele originou-se o conceito de 'espaço vivo' (Lebensraum), que se preocupa com a relação de grupos humanos com os espaços do seu ambiente. Ele lecionou na Universidade de Munique entre 1875 e 1886, e desta data até sua morte foi professor de geografia da Universidade de Leipzig. Seu conceito de 'espaço vivo' foi depois usado pelo Partido Nacional Socialista (Nazista) para justificar a expansão germânica e a anexação de territórios que precedeu a segunda guerra mundial. Ritzler, o ditador alemão, inspirou-se nesta visão para elaborar sua teoria “Espaço”.

Como se pode observar, classificam-se os filósofos de várias maneiras,

como a cidade de origem, os locais onde funcionavam suas escolas, ou por autodenominação, como os amantes da verdade (os refutacionistas) e outros devido aos seus mestres (socráticos). Alguns adotam o nome de físicos, devido as suas investigações voltarem-se para a natureza, surgindo ainda os éticos, que analisam fenômenos de ordem moral e por fim, àqueles que se dedicam ao verbal, denominados de dialéticos.

Até o momento, vimos que a ciência se origina em uma fase de transformação do intelecto humanóide, um estágio evolucionário entre as atividades puramente instintivas e as primeiras noções de pensamentos inquisitivos, sendo que a Geografia segue as mesmas proporções desenvolvidas no amadurecimento intelectual, onde é necessário aprender a se localizar e identificar pontos de extrema importância para a manutenção de suas próprias vidas. Um destes pontos seria a localização de fontes alimentícias, abastecimento de água, estabelecimento de cidades e observância de postos de comércio. Um importante documento histórico deste fato, é o mais antigo mapa já encontrado na cidade de Ga-Sur ao norte da Babilônia, forjado em uma pequena placa de barro, datando de 2.500 anos a.C. Tal artefato encontra-se em exposição no Museu Semítico da Universidade de Harvard.

A Geografia se origina dos conceitos filosóficos adotados no berço da civilização humana, que se sustentaram graças aos filósofos outrora descritos. E, tais intelectuais, fundamentaram suas ideias e concretizaram o abstrato, criando desta maneira a Filosofia e a ciência geográfica.

A importância de enfatizar os filósofos e suas academias recai na estruturação e arquitetura do pensamento científico, sendo estes os pilares que sustentam a ciência geográfica. Pois na visão deste que vos escreve, é a filosofia da ciência que embasa (sustenta) todo o processo construtivo da ciência em si. A Ciência é vista pelo escritor como um corpo sistemático/sistemizado único, formado por ramificações e/ou sub-sistemas caracterizados por sua natureza empírica. Ou seja, cada disciplina que aprendemos na escola, estão interligadas umas às outras e vinculadas aos ramos específicos científicos (Física, Geologia, Astronomia, Geografia, e outras). E cada um desses ramos estão interligado, pois, não existe um sem o outro. Porque, para se estudar um objeto (animal, vegetal, ou estruturas naturais ou artificiais), é necessário conhecer e entender as outras áreas que abrangem todo o científico. Se não correlacionar as outras áreas, sua pesquisa ou os seus estudos (escolar) não terão um amplo campo de visão, logo, alguma coisa vai interferir negativamente em sua análise. Mas este aspecto não é evidenciado, porque no ensino de base, os professores não interligam suas matérias, criando assim, práxis herdadas. Em 2010 é que iniciou-se este processo, porém muito lento, sendo atualmente evidenciado no programa de ensino denominado ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio, 1998). Forçando então, a atuação dos professores a manter um vínculo entre as matérias.

Agora que entendemos o surgimento da Geografia e a importância dos

filósofos na construção da ciência em si, podemos adentrar nas análises que dão vida ao título deste livro.

UMA NOVA ABORDAGEM CONCEITUAL SOBRE ESPAÇO

Muitos autores estudam, descrevem, classificam, reinventam e denominam ESPAÇO.

Muitos cientistas e especialistas tentaram especificar e classificar tal conceito dentro de sua análise corporativa comercial²⁸. Surge então: Espaço Geográfico, Espaço Mental, Espaço Social, Espaço Físico, Espaço Cósmico, Espaço Regional, Espaço Urbano, Espaço Virtual, Espaço Neutro, Espaço Vital, etc...etc.

Em toda e qualquer ramificação científica surge termo correlato e modificado de sua origem lingüística ou de sua raiz gramatical. Este fato faz com que se abra a possibilidade de criar e inventar novas linguagens e novos significados, porém embasados naqueles que já são descritos nos dicionários da língua de origem. Estas invenções de termos e novas conotações embasadas em algo já estabelecido são evidenciadas por FEYERABEND (1975) e WITTGENSTEIN (1978). Porém pouco se fez para modificar o panorama científico ao que se refere.

Enfocando este ponto de vista, observa-se que muitos estudiosos estabeleceram um conceito próprio de espaço, criando uma infinidade de conceitos, sendo estes abordado amplamente por La Blach, Milton Santos, Correa, Robert de Moraes, Foucaut, Tuan e outros. Além deste fato, ainda se estabeleceram e criaram novos ramos dentro da Geografia, criando inclusive uma nova Geografia.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, ocorreu uma enorme mudança no setor científico, houve uma “revolução quantitativa e teórica da geografia”.

A Nova Geografia desenvolveu-se procurando incentivar e buscar um enquadramento maior da geografia no contexto científico global, utilizando-se de metas como: Rigor maior na aplicação da metodologia científica – salienta a necessidade de maior rigor no enunciado e na verificação de hipóteses, assim como na formulação das explicações para os fenômenos geográficos;

Desenvolvimento de teorias – sob o paradigma da metodologia científica procurando estimular o desenvolvimento de teorias relacionadas com as características da distribuição e arranjo espaciais dos fenômenos; Uso de técnicas estatísticas e matemáticas; Abordagem sistêmica.

Mas surgiram correntes contrárias ao positivismo, ou seja, a esta Nova Geografia, como foi o caso da geografia Humanística, Geografia Idealista e da Geografia Radical.

Desta forma descrita, verificam-se os seguintes adeptos do não positivismo, elaborando uma distinção entre as Ciências Humanas e as Ciências

Naturais, como Friedrich Hegel (1770 – 1831) e Wilhem Dilthey (1833 – 1911) que estabeleceu a diferença entre explicação e compreensão. Desta maneira, surge uma geografia humana, repleta de contradições e procedimentos diversificados, que estabelecem várias “geografias” em uma só. E uma geografia física, que mantém suas linhas mais conservadoras e com um enfoque mais específico, permitindo pouca variação no estabelecimento de condutas metodológicas, estabelecendo uma única geografia. Porém há termos que se confrontam com a humanística, sendo citado como exemplo: Região.

Palavras de TUAN (Transcrito dos *Annals of the Association of American Geographers*, 66: (2), junho 1976. Título do original: *Humanistic Geography*. Tradução de Maria Helena Queiroz): *“As abordagens científicas para o estudo do homem tendem a minimizar o papel da conscientização e do conhecimento humano. A Geografia Humanística, em contraste, tenta especificamente entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana. Usarei o modelo etológico na Ciência para prover o ponto de partida para o exame da perspectiva humanista. Outros modelos científicos reduzidos do homem*

- homem econômico, por exemplo, podem também servir como ponto de partida, mas para evitar sobreposição e confusão não os tenho usado. A sobreposição existe porque todos os modelos científicos do homem simplificam a capacidade humana de saber, criar e ofuscar. Pode a Geografia Humanística oferecer um novo modo de enxergar os fenômenos geográficos? Para dar uma resposta tenho que brevemente explorar cinco temas de interesse geral para os geógrafos: conhecimento geográfico; território e lugar, aglomeração humana e privacidade, modo de vida e economia, e religião.”

Quando se analisa somente o aspecto ou tema citado por Tuan, sem correlaciona-los com a natureza, não caracterizamos uma Geografia pura, mas sim, transformamos a Geografia em ramificações que intervém e sobrepõe análises não pertinentes ao contexto geográfico (Psicologia e sociologia).

A Geografia é uma ciência de síntese na visão que vem se seguindo desde La Blache, que recebe críticas por este aspecto, sendo assim mencionado:

Palavras de La Blache (Transcrito dos *Annales De Géographie*, 22 (124): 289-299, 1913.): *“A Geografia é considerada como se alimentando nas mesmas fontes de fatos da Geologia, da Física, das Ciências Naturais e, de certa forma, das Ciências Sociológicas. Ela serve-se de noções, sendo que algumas delas são o objeto de estudos aprofundados nas ciências vizinhas: daí vem, então, a crítica que se faz às vezes à Geografia, a de viver de empréstimos, a de intervir indiscretamente no campo de outras ciências, como se houvesse compartimentos reservados no domínio da ciência. Na realidade, como veremos, a Geografia possui seu próprio campo. O essencial é considerar qual uso ela faz dos dados*

sobre os quais se exerce. Será que ela aplica métodos que lhe pertencem? Será que traz novos horizontes, de onde as coisas possam aparecer em perspectiva especial, que os mostra sob ângulo novo? Todo o problema é este que está aí. Na complexidade dos fenômenos que se entrecruzam na natureza não se deve ter” uma única maneira de abordar o estudo dos fatos; é útil que sejam observados sob ângulos diferentes. E se a Geografia retoma certos dados que possuem um outro rótulo, não há nada para que se possa taxar essa apropriação de anticientífica. A Geografia compreende, por definição, o conjunto da Terra. Este foi o mérito dos matemáticos-geógrafos da Antiguidade (Eratóstenes, Hiparco, Ptolomeu), o de colocar em princípio a unidade terrestre, o de fazer prevalecer esta noção acima das descrições empíricas das regiões. É nesta base que a Geografia pôde-se desenvolver como ciência”.

La Blache tem a idéia que a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens. Quem estuda os lugares sem a atuação humana? Sua visão de mundo é muito restrita ao pensamento naturalista da época em que formulou suas interpretações. Atualmente todos os ramos científicos estão trabalhando com a interferência humana no meio, e o lugar só é estudado metafisicamente.

Quanto ao problema da Geografia utilizar ou avançar no campo de outras áreas, isto é descartado, pois todos os ramos científicos se sobrepõem em um determinado ponto, porém cada um se estabelece dentro de seu enfoque de estudo. E o enfoque geográfico deve atender contextos ambientais, forjados (construídos e criados) por uma cadeia interativa de elementos sociais humanos e físicos, que estabelecem ou criam fenômenos naturais. Levando-nos a entender que cada indivíduo é um elemento natural, um animal que está integrado a todos os elementos e seres existentes neste planeta. E gostando ou não desta frase, nós pertencemos ao reino animal e enquanto não mudarmos nossa conduta, seremos sempre animais. Pois, o ser humano é o único capaz de crueldades jamais evidenciadas por outros espécimes.

"A geografia é talvez a ciência de história mais longa. Ela começa, na verdade, com as primeiras comunidades gentílicas" que através de migrações chegaram "ao conhecimento mais amplo da superfície da Terra e a tendência ao registro ou à transição desse conhecimento. Trata-se incontestavelmente de material geográfico" (SODRÉ p. 13).

Material geográfico não significa científico, porque estes materiais descritos por Sodré são os primeiros mapas mentais e posteriormente representações gráficas em um tablete de barro (o primeiro mapa produzido no mundo), sem a intenção de precisão ou de estudos científicos. Como Sodré mencionou, a Geografia é um ramo da ciência muito antigo, porém os geógrafos não construíram uma base teórica sólida, que estabelecesse o seu objeto de estudo. Ao contrário do que se esperava, houve uma divergência ao processo construtivo de tal elemento magno, criando ou desenvolvendo duas geografias bem distintas.

Desta forma, inicia-se uma corrida entre os próprios geógrafos para estabelecer regras e conceitos calcados no “Objeto Espaço”, tentando impor metodologias embasadas na teoria de alguns filósofos práticos, pensadores, sociólogos e outros. Tentando ainda definir Geografia, conforme se observa nestes exemplos:

Definição de Geografia: segundo Albert Demangeon, em 1942 : é o estudo dos grupos humanos nas suas relações com o meio geográfico”.

Emmanuel de Martonne define em sua obra *Traité de Géographie Physique*, que a “*geografia moderna encara a distribuição à superfície do globo dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas dessa distribuição e as relações locais desses fenômenos*”. Estas duas interpretações anteriormente citadas explanam de forma bem simplificada o objeto de estudo da Geografia, que nada mais é do que a relação sociedade/natureza. Porém esta relação é observada distintamente e sem uma correlação direta entre ambas.

Geografia Humanística: Possui a fenomenologia existencial como a filosofia subjacente. Edmund Husserl (1859-1939) foi quem atribuiu os significados contemporâneos a fenomenologia. “*A fenomenologia não é nem uma ciência de objetos, nem uma ciência do sujeito : ela é uma ciência da experiência*”. Este tipo de abordagem foi adaptada a Geografia com o despoite de Tuan, que defendia o processo fenomenológico da capacidade do ser humano criar mapas mentais. Ou a perspectiva de uma pessoa em se localizar mentalmente em um determinado território ou local. E pelo simples fato de um ser consciente produzir tal elemento cartográfico virtual, estabeleceu-se a idéia do espaço fenomenológico, sendo este de cunho geográfico. Ainda dentro deste ramo filosófico, encontramos a Geografia Idealista: representando uma tendência para valorizar a compreensão das ações envolvidas nos fenômenos, procurando focalizar seus aspectos inferiores, que são os pensamentos subjacentes às atividades humanas. O idealismo é uma alternativa ao positivismo.

A Geografia estabelece como objeto de estudo o Espaço. Porém, existem vários espaços conforme mencionado anteriormente. O mais interessante, é que nenhum destes determinam com exatidão sua concreta e irrefutável alegação de ser o objeto de estudo da Geografia. Pois o geógrafo atua enfocando a natureza que se resume em duas coisas (o que faz parte e é natureza):

- **Seres abruptos:** Que são elementos encontrados em todo o universo e são conhecidos ou nomeados como: átomo, moléculas, estrelas, sóis, planetas, luas, minerais, rochas, montanhas, vulcões, ventos, solos, mares, rios, água, chuva, cristais de neve, cristais minerais, sombra, vales, neve, gelo, fogo e etc.
- **Seres Orgânicos ou Bio orgânicos:** São elementos orgânicos vivos e mortos (corais e conchas, por exemplo). Sendo que os elementos mortos se

preservam em estruturas. E os vivos formam sociedades, comunidades ou individualismo. Dentro deste grupo enquadram-se os seres humanos e suas sociedades.

A sociedade humana estabelece, cria, transforma, regenera, convive, desenvolve, integra e interage na natureza, concretizando novos ambientes e modificando as paisagens naturais, estabelecendo paisagens artificiais, sempre reajustando estas duas paisagens para o seu conforto e sustento. Esta observação estabelece uma natureza artificial criada pelo ser humano. Pois o homem não gosta do que é natural, ele gosta da natureza humana. Sendo assim exemplificado:

Vamos preservar o mico-leão-dourado! Para quê? Para que no futuro eles existam, para que nossos filhos possam ver!

Para que nossos filhos possam ver!... Não porque a natureza necessita deles.

Vamos preservar a natureza! “Eba...Vamos!” Mas e os mosquitos da dengue? Matamos todos, porque transmitem doenças para os seres humanos! - Mas eles não fazem parte da natureza? Não temos que preservar a natureza? - Temos que manter nossa maior criação **a cidade** sem um foco de dengue ou outra doença causada por seres vivos, sejam doenças fabricadas pelo homem³¹ ou pela natureza. A natureza pode ser pura³² ou antrópica. Exemplo de natureza antrópica: Elevação topográfica com cobertura pedológica embasada em resíduos descartáveis³³, seres vivos clonados, diamantes forjados em laboratórios e etc. Tendo ainda, o exemplo de natureza pura³⁴: Nascimento de celacanto (*latimeria chalumnae*) – uma espécie de peixe muito raro e que existe em nosso planeta desde a era mesozóica.

A cidade é de natureza antrópica, no entanto, não é um espaço construído pelas mãos humanas. É um ambiente artificial, montado, fixado e formado na superfície terrestre (espaço terrestre), pois se fosse na lua, seria no espaço lunar”.

Mas como a cidade interage e se encaixa no âmbito da proposta deste que vos relata(J.C.V. Nitsche)?

Vários ambientes formam um ecossistema, pois na verdade, o ecossistema é constituído de micro-ambientes que se integram e se correlacionam, estabelecendo um sistema visivelmente único, porém ao se analisar particulados destes, observa-se várias camadas de ambientes. Pois cada ambiente é um sistema ou vários sistemas justapostos.

O ecossistema marinho, por exemplo, é formado por estratificação de camadas e colunas d’água, onde se consideram a profundidade, pressão, salinidade e a intensidade do alcance da luz. As formas de vidas e os objetos não vivos, existentes em cada camada, especificam um modo de vida e suas relações biomotoras. O que não se percebe de imediato, é que este ambiente aquático é formado por vários micro-ambientes, conforme demonstrado anteriormente, pois cada estratificação representa um ambiente único. Para a pessoa de Nitsche (2000), ambiente se define como o local que estabelece condições de vida a um ser vivo,

propiciando-o o modo de vida e suas conseqüências. Ou seja: É onde uma criatura pode viver, seja ele anaeróbico ou não. Um peixe que vive em um ambiente de alta pressão, isto é, que desempenha suas funções vitais em grandes profundidades e temperaturas baixas, não pode viver se trazido a 100 metros da superfície. Este exemplo mostra que este peixe, mesmo estando em seu “ambiente aquático”, não suportaria a temperatura mais aquecida da água e nem a baixa pressão, pois ele está fora dos limites de seu ambiente ou do local que propicia a vida deste ser.

Para realçar tal afirmação, lembrar-te-ei que existem locais de visitação pública criadas especificamente para atender as condições climáticas e características similares às condições de vida das espécies que lá se encontram. Como é o caso do parque temático “SEA WORD”, localizado em Orlando - Florida (EUA). Nessa referida área destinada ao lazer, encontramos ambientes que atendem aos padrões reguladores que propiciam a vida animal. A característica de maior importância para este caso seria o ambiente criado para os pingüins, que possui um sistema de precipitação de cristais de gelo (neve) e temperaturas equivalentes ao seu domínio austral.

Mas a cidade é ou não um ecossistema?

Para alguns autores, como ODUM (1988), consideram a cidade um ecossistema incompleto (heterotrófico), que dependem de grandes áreas, pois seus ambientes de entrada e saída são dependentes de fatores externos e influencias sócio-políticas. Odum não considera ser possível um sistema autotrófico porque as relações políticas não permitem tal desenvolvimento.

Atualmente as cidades não devem ser analisadas em seu núcleo, mas sim em sua área de abrangência, suas influencias e relações - comerciais/econômicas, culturais, religiosas e políticas. Diante de tais anotações, observa-se que as cidades na atual circunstância histórica refletem um sistema autotrófico, pois além das regiões metropolitanas vinculadas ao campo e/ou ao processo de conurbação, evidenciamos uma unificação de áreas, que estão diretamente ligadas e administradas pelo núcleo, além de influências de políticas internas e externas. Sendo que, na natureza os ambientes autotróficos naturais, conforme prevê Odum, também são influenciados por políticas ambientais, militares e de infra-estruturas. Logo, não existe mais um Planeta independente, ou ambientes que não sofram com ações/atuações humanas e de suas políticas.

Todos os sistemas complexos dependem de inter-relações dinâmicas externas e internas de sub-sistemas, tais como, fatores variáveis condicionantes que desempenham o equilíbrio e/ou desequilíbrio do funcionamento do sistema global e/ou maior. Citar-se-á um exemplo de uma das várias estratificações recorrentes nas cidades como: a malha viária, que é formada por vias e ruas, que se integram e geram uma característica modal daquilo que se entende como um fenômeno e/ou atributo urbano, que complementa outros contextos de características físicas e sociais, tais como: pessoas, veículos, sinalização, normas e jurisprudência. Todos

estes, desenvolvem e criam o denominado ambiente de tráfego. Este sistema permite o fluxo de pessoal, mercadorias, documentos e dinheiro, dando origem ao ambiente de trânsito, permitindo que outros sistemas possam funcionar, como a coleta, reciclagem e manutenção do lixo, setor financeiro, previdenciário, judiciário, legislativo e executivo, de segurança, educação e saúde pública. Cada subsistema/sistemas descritos se interagem e se complementam com outros, originando todos os componentes responsáveis para que existam os ambientes que integrados aos demais, formam e desenvolvem as cidades. Sendo que o sistema viário ficaria comprometido caso houvesse um “apagão” energético ou acontecesse uma calamidade pública e/ou climática, desestabilizando completamente este ambiente. Logo, temos um ecossistema (artificial autotrófico) urbano.

Deve-se salientar que o campo e a cidade estão intimamente ligados, pois as decisões do uso do solo, aspectos econômicos de produção e manutenção do meio ambiente, são tomadas no âmbito urbano. Inclusive as questões indígenas. Sendo que atualmente, toda a produção “camponesa” é voltada ao lucro, principalmente quando se visualiza o mercado internacional. Pois a tendência é a agricultura e/ou as atividades agropecuárias serem de precisão. Lógico, que ainda existe a produção de subsistência, porém este tipo de cultura deve ser suplantado devido aos avanços tecnológicos e determinações administrativas governamentais futuras. E toda a produção agrária visa o abastecimento das cidades, que no momento presente, só é possível graças aos investimentos econômicos fornecidos pelas cidades, além do fluxo de mercadorias campo/cidade-cidade/campo. E a principal fonte de energia que sustenta ou é responsável pela manutenção existencial das cidades é a economia (global ou local), pelo menos até o momento atual. E esta economia é criada pela força de trabalho da sociedade e do fomento e/ou das determinações políticas, gerando o desenvolvimento ou a sua ruína, tanto da sociedade em geral, bem como, da cidade em si. Pois a cidade é um ambiente controlado e criado por nós. Porém, caso haja um fator variável, o desenvolvimento da cidade fica comprometido, podendo gerar as chamadas cidades fantasmas e/ou dependência tutelar política regional distrital, municipal ou federal.

Em um futuro próximo, não teremos apenas navios, mas haverá cidades flutuantes, pois existem rios, mares e oceanos, além de tecnologias que propiciam tal ideologia. Tenho a convicção de que alguma cidade holandesa ou a italiana Veneza serão experimentais ao se tratar deste assunto. Porém, o mais provável, é que as mãos humanas construa suporte flutuante auto-sustentável, que propicie condições de vida a uma aglomeração de pessoas e suas atividades.

Os conceitos aqui postulados podem ferir a percepção de alguns profissionais que estão ligados aos preceitos acadêmicos do Século XX, pois a Geografia carece de novas abordagens, principalmente ao fato de se confirmar e defender com vigor o espaço como sendo a fonte vital dos estudos e da existência da geografia. Sendo assim, faz-se necessário desenvolver diálogos abertos em eventos acadêmicos, que possibilitem novas concepções ao tratado geográfico.

Antigamente, mais especificamente nas décadas de 1960 até o final de 1970, a Geografia apenas descrevia a natureza, e os professores em sala de aula, administravam as aulas desenvolvendo trabalhos em que os alunos pintavam, desenhavam e decoravam mapas com rios, montanhas, países e outros aspectos físicos, associados as decorebas dos aspectos humanos. Porém, nunca fizeram uma correlação e nem uma explicação do por que de se decorar todos aqueles aspectos geográficos. E todo este processo vinha da academia, estabelecendo um ritmo desenfreado de termos “espaciais”, enquanto que os alunos sofriam com os “espaços decorebáticos”. Porém, o que realmente os alunos necessitavam saber não era explicado, sendo que ainda hoje encontramos pessoas que não sabem identificar no mapa as nascentes, qual o curso do rio e a importância disto, e até mesmo, nem sabem a que estado pertence seu município e como surgem os municípios, estados e países. Tem crianças que não sabem quantos metros tem uma quadra. É necessário mostrar aos alunos e a sociedade em geral, a importância da Geografia e o que de fato ela ensina. Mas para isso, os geógrafos tem de saber o quê de fato a Geografia faz!

Até que surge a visão do Espaço Geográfico, estabelecido por Santos (1978), sendo desenvolvidos vários trabalhos que complementavam as análises espaciais, como as obras de sua autoria: “O Espaço Geográfico como categoria filosófica” (1983), “Espaço e Método” (1985) e “O Espaço Interdisciplinar” (1986). Suas análises se contrapõem a teoria do comportamento, que se fundamenta em parâmetros psicológicos, criando a idéia de que o ser humano é produto de seu ambiente. Para Milton Santos, o ser social é que desempenha a função de criador do espaço, fundamentando-se em teorias de cunho sociais e não psicológicas. Graças a este grande pensador, a Geografia inicia uma nova corrente de pensamento e enriquece sua maneira de atuar na comunidade mundial. Porém, os geógrafos não possuem um estabelecimento de paradigma único, defrontando-se com duas vertentes completamente opostas ao método e aos estabelecimentos de sua abordagem científica e profissional. Dentro de cada área geográfica, mais especificamente dentro da visão humanística, geram-se “várias geografias”. E todas estas Geografias estabelecem o Espaço como objeto de estudo. Mas o quê de fato é estudado? O espaço? Não! O que sempre foi estudado pela Geografia, por mais que não se aceitem isso, foram as relações sociais e suas influencias na natureza e vice-versa. Sendo que atualmente, deve-se observar as relações do *Homo-sapiens-sapiens* (onde ele está) simultaneamente com as relações ambientais/físicas planetárias. Ou seja: Que tipo de influência a sociedade humana exerce sobre a paisagem e no espaço, ao mesmo tempo em que estes citados (paisagem e espaço) influenciam as sociedades e/ou o indivíduo humano.

Quando se fala em aspectos geográficos associados à economia, implicitamente se calca o impacto ambiental, pois a humanidade transforma matéria prima (petróleo, madeira, água, gás, e outros) em bens de consumo

(móveis, canetas, tintas, tapetes, borracha e etc.).

Cada ramo científico possui sua especificidade, porém somente a geografia estabelece a relação **SOCIEDADE/NATUREZA** como foco de estudo. E quando não mais o fizer, não será Geografia. Transformar-se-á em Sociologia, Geologia e outras áreas afins.

Outro problema evidenciado recai na maneira de como alguns trabalhos geográficos são elaborados. Em sua maioria, é quase uma ramificação das ciências sociais e econômicas, transformando a Geografia em um ramo destas citadas.

De outro lado, temos a Geografia Física, que muitas vezes enfoca o relevo, a hidrografia e todos os aspectos geográficos pertinente a esta ramificação, porém dentro de uma análise mais próxima do social. Tendo como expoentes os Ilmos. geógrafos Aziz Nacib Ab'Saber e Helmut Troppmair, mas ainda existem pesquisadores que se esquecem da sociedade humana e suas relações. Quando se desenha a sociedade dos aspectos físicos geográficos, estamos sobrepondo áreas de cunho geológico, pedológico e áreas afins.

Para Corrêa (1982), a Geografia não existe se não houver teoria espacial, estabelecendo sempre o espaço como objeto de estudo da Geografia.

Corrêa (1995, p. 15 a 45) tenta especificar ou conceituar o espaço abordando as várias definições dentro de cada corrente filosófica (pensamento geográfico), finalizando com uma não conclusão. Na página 16 o autor menciona: *“No presente texto considerar-se-á o conceito de espaço tal como os geógrafos entendem”*.

Primeiramente o geógrafo não conceituou espaço ainda, ficando este debate em aberto até os dias de hoje.

E a Geografia segue seu caminho criando subdivisões dentro de sua própria ramificação científica. Sempre estabelecendo novos “Espaços”.

Palavras de Milton Santos (1996) *“Um sistema de realidade, ou seja, um sistema formado pelas coisas e a vida que as anima, supõe uma legalidade: Uma estruturação e uma lei de funcionamento. Uma teoria, isto é, uma explicação, é um sistema construído no espírito, cujas categorias de pensamento reproduzem a estrutura espacial, organização do espaço, estrutura espacial que assegura o encadeamento dos fatos (...) O problema é encontrar as categorias de análise que nos permitem o seu conhecimento sistemático, isto é, a possibilidade de propor uma análise e uma síntese cujos elementos constituintes sejam o mesmo. (...) Quando Armando Corrêa (1982) enuncia que não há Geografia sem teoria espacial consistente, afirma também que esta “teoria espacial consistente” só é válida se dispuser de um conceito referente a natureza do espaço.”*

Na página 73, sub-capítulo 12, Milton Santos discursa: *“O espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento. A paisagem é coisa, a espacialização é funcional e o espaço é estrutural.*

A paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação. A espacialização é sempre o presente, presente fugindo, enquanto a paisagem é sempre o passado, ainda que presente. O Espaço é igual a paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, vida que palpita conjuntamente com a materialidade. A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial. A espacialização não é o resultado do movimento da sociedade apenas, porque depende do espaço para se realizar.”

As idéias de Milton Santos estabelecem que o espaço é criado pela sociedade, sendo sua tese formulada em base de teorias sociais, divergindo-se de teorias psicológicas, como a teoria do comportamento, amplamente utilizada na Geografia alemã, até os idos de 1999. Porém, a Geografia deve manter sua independência, criando e desenvolvendo suas próprias teorias, embasadas no campo observacional e experimental e ao mesmo tempo, nos limites históricos e metafísicos. Evitando adentrar em campos de teorias puramente sociais, biológicos, geológicos e/ou de cunhos específicos ao físico terrestre.

Vários trabalhos geográficos foram estabelecidos com visão de Milton Santos. Cita-se como exemplo: Palavras de Kozel (1999, p. 28) *“É imprescindível adquirir uma visão de conjunto, de mundo, de sociedade e natureza. Pensando a cidadania como participação, integração a um todo maior estabelecido e vivido na realidade através da relação sociedade natureza, na produção do espaço. E a Geografia é o veículo que elegemos esse estar no mundo. Viver, pensar, participar, localizar-se neste espaço dinâmico e contraditório é o que denominamos de espaço geográfico. A terra é o lugar de múltiplas relações e a Geografia é uma das lentes que permite a sua leitura. O olhar geográfico sobre o mundo se projeta através destas múltiplas relações, onde o aluno é produtor do espaço e o espaço é o produto. Os homens criam seus espaços. (...)”*

O espaço é conceituado e definido por Nitsche (2001) como:

Espaço: é a estrutura morfodinâmica que sustenta as paisagens e os ambientes. E só existem dois espaços que são: O Espaço Cósmico e o Espaço Planetário, sendo que o mais importante no momento (para a Geografia), é o espaço terrestre. Pois é aqui no Planeta Terra que a sociedade humana estabelece suas relações, compactuando, correlacionando, impactando de maneira positiva e ao mesmo tempo negativa, integra-se e interage com a natureza (seja ela pura ou artificial), pois o ser humano estabelece relações com a natureza pura e com a sua própria natureza. E são estas relações que os geógrafos estudam ou devem se preocupar.

A paisagem pode ser artificial ou natural, pois uma paisagem artificial é aquela que foi modificada ou construída pela ação antrópica (ação do homem e sua

sociedade). Este fato está evidenciado no trabalho “Três Barras do Paraná”. Dentro da perspectiva abordada nesta citada obra, a sociedade humana criava e construía espaço, porém, este espaço era construído de forma sistêmica e suas relações são todas interligadas. A contribuição maior foi demonstrar que a sociedade e o indivíduo modificam a paisagem e restabelecem novas paisagens, ao mesmo tempo em que criavam novos ambientes. E que toda esta relação está calcada em um conjunto de sistemas complexos, formados por sub-sistemas. Posteriormente, se verificou que todos os componentes paisagísticos naturais e artificiais são sustentados e construídos em espaço concreto e definido. Pois, o ato ou fato, de se delimitar uma área não significa construir espaço, pois se está apenas dimensionando uma porção do espaço. Porém, o que se irá construir dentro deste perímetro é o ambiente. Muitas pessoas entendem que ao se realizar um limite municipal, estadual ou internacional, está se criando ou desenvolvendo um espaço. O que ocorre, na realidade, é uma marcação/demarcção territorial espacial. Mais nada! E esta fronteira estabelece que aquele perímetro pertence a alguém. Ou seja: a porção espacial demarcada é o lugar onde um grupo de pessoa irá desenvolver seus ambientes, modificando as paisagens, consecutivamente interferindo parcialmente ou completamente no sistema que mantinha o antigo ambiente. Observe, que ao se modificar a paisagem e interferir no meio, você estará desenvolvendo um ambiente propício ou não a vida de alguns seres vivos, possibilitando ainda, a geração de novas espécies e/ou compactuando com mudança comportamental ao modo de vida de animais e plantas. Mas toda esta intervenção está voltada para duas metas principais: A primeira é o lucro que se pode adquirir e a segunda é o bem estar de alguns indivíduos ou da sociedade em geral. Pois no mundo em que vivemos, a ação humana visualiza apenas o valor que engendra mais valor, arriscando a própria vida humana, bem como do planeta em si.

O *Homo-sapiens-sapiens*¹. não constrói estruturas morfodinâmicas, ou seja: o ser humano não forja ou cria planetas ou espaço cósmico. Talvez daqui a 1000 anos o homem possa criar o projeto Gênese (Jornada nas Estrelas II e III), porém necessita de uma matriz ou um espaço pré-estabelecido (planetas ou grandes corpos celestes), que se caracterizam como estruturas morfodinâmicas para atingir tal propósito. Criando posteriormente um ambiente. Posso citar como exemplo a criação de ilhas artificiais com o objetivo de expansão territorial para empreendimentos imobiliários, como se evidencia atualmente na cidade de Dubai. A configuração geográfica de Dubai limita seu desenvolvimento, pois sua costa possui apenas 59,5 km e os condomínios e hotéis dominam a costa do Golfo Pérsico de Dubai. Por este motivo, em 1993 iniciou-se a primeira construção da ilha artificial de Dubai, onde o famoso hotel Burj Al Arab foi construído. Sendo este referência para um projeto de cunho “mega-ambiental-artificial”, que se caracteriza como a criação de ilhas artificiais. Observe que tal operação exige recursos naturais, tais como rochas, areia, água potável e alimentos para os trabalhadores/empregados.

Além de outras fontes de materiais e energia.

Formar-se-ão lagos e/ou planificação topográfica devido ao encerramento das atividades exploratórias de mineração de rochas (granito e calcário). Ainda dentro deste tema, pode-se inferir que haverá mudanças de correntes marinhas locais e as massas de ar serão influenciadas pela nova topografia, sendo que estas modificações proporcionarão alterações no complexo sistema local e até mesmo global, perfazendo novos ambientes. Esta mudança propiciará uma adaptação aos novos padrões ambientais, desencadeando uma série de conseqüências positivas e negativas às espécies que hoje habitam tal localidade, inclusive para a espécie humana, no que diz respeito a economia local e global (visando turismo, novas atividades comerciais e empreendimentos imobiliários), modo de vida, oportunidades financeiras e tecnológicas. Observe que não estamos construindo espaço, estamos preenchendo ou ocupando um espaço já existente. Crie várias ilhas que preencham todos os rios, oceanos e mares. Logo, você terá ocupado todo o espaço onde havia água disponível no planeta. Temos todo o espaço do mundo para conquistarmos!

Entende-se por espaço morfodinâmico, um corpo ou objeto celeste sólido, que sofra ao longo do tempo mutações e deformações, devido aos fatores e processos naturais de erosividade característicos e existentes naquele espaço, sofrendo ainda as influencias das forças geradas e/ou estabelecidas pelo espaço cósmico (irradiações, deslocamentos planetários e/ou estelares, planetas, asteróides e satélites naturais e etc.).

O espaço nos fornece materiais e os meios para criarmos os ambientes, bem como materiais para forjarmos ferramentas. A sociedade humana vai utilizar sempre os recursos naturais, para inventar recursos artificiais.

A paisagem é modificada, recriada e estabelecida pela ação humana constantemente, porém esta paisagem está moldada e fixada em um espaço concreto e defino (que no caso do momento presente é o nosso planeta Terra).

Quando Milton Santos refere que paisagem é coisa, sua análise não afirma ser moral ou metafísica. Pois do ponto de vista moral, coisa é tudo o que não é uma pessoa; ou seja, os animais e os objetos inanimados. Dentro da metafísica, coisa é o ser enquanto essência. Analiso desta forma, que Milton Santos caracterizou a paisagem dentro de uma visão moral. Nesta visão, a sociedade não pode ser considerada coisa. Desta forma, a sociedade não está inserida na paisagem e no espaço ao mesmo tempo, pois se assim fosse, a sociedade seria parte integrante paisagística natura-artificial.

Palavras de Hume (1949 n. 10 pp. 167-188): *“Cada um admitirá prontamente que há uma diferença considerável entre as percepções do espírito, quando uma pessoa sente a dor do calor excessivo ou o prazer do calor moderado e quando depois recorda em sua memória esta sensação ou a antecipa por meio de sua imaginação. Estas faculdades podem imitar ou copiar as percepções dos sentidos, porém nunca podem alcançar integralmente a força e a vivacidade da*

sensação original. O máximo que podemos dizer delas, mesmo quando atuam com seu maior vigor, é que representam seu objeto de um modo tão vivo que quase podemos dizer que o vemos ou que o sentimos. Mas, a menos que o espírito esteja perturbado por doença ou loucura, nunca chegam a tal grau de vivacidade que não seja possível discernir as percepções dos objetos. Todas as cores da poesia, apesar de esplêndidas, nunca podem pintar os objetos naturais de tal modo que se tome a descrição pela paisagem real. O pensamento mais vivo é sempre inferior à sensação mais embaçada.”

A nossa sociedade renova a paisagem e cria novas feições paisagísticas, porém não se caracteriza como um elemento paisagístico. Na verdade, a sociedade humana desenvolve o papel de elemento completivo do espaço (Planeta Terra) e da paisagem, assim como os outros animais. Esta explanação exige a definição de paisagem, sendo assim apresentada:

Primeiramente recorreremos ao dicionário Aurélio (2001), onde se expressa a seguinte definição: Espaço de terreno que se abrange num lance de vista.

Conforme Milton Santos (In: *Metamorfose do espaço habitado*, Cap.5, p. 61, 1996), *“Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”*

Nas palavras deste que vos escreve, ao se eleger a sociedade como paisagem, atribuímos uma característica não plausível ao termo, conforme já explanado anteriormente. Mesmo que se observe o espaço terrestre (planeta Terra) de uma altitude que nos permita visualizar as pessoas se movimentando e atuando na superfície do nosso planeta, temos a percepção ou ideia de uma paisagem única, composta de seres vivos e seres abruptos, formando desta maneira a paisagem terrestre. Mas é uma percepção equivocada, porque a paisagem deve ser entendida como estruturas fixas naturais vivas ou existentes (como árvores, montanhas, recifes de corais) ou artificiais (edifícios, crateras de escavação mineral e outros) que estão em constante evolução. A sociedade não é uma estrutura natural física (coisa). É a organização de um aglomerado de pessoas ou grupos que ocupam uma determinada porção do espaço planetário, produzindo com suas forças de trabalho o ambiente propício às necessidades, tanto pessoais, bem como sociais. Quando estas pessoas são vistas de um patamar mais elevado, percebemos suas movimentações simultaneamente, mas que não se preservam na paisagem. É uma permanência momentânea durante o período de observação. É a mesma coisa quando observamos um formigueiro, durante o dia, as formigas se deslocam por todo o seu habitat, dando a impressão de que sua casa é um organismo vivo. Porém, não passa de uma estrutura de sedimentos compactados. Caso aconteça algum fenômeno em que elas tenham que deixar sua morada, a estrutura do formigueiro permanece parcialmente ou completamente, sendo integrante paisagístico. E por quê as formigas não são um integrante? Simplesmente porque elas se retiraram e foram construir outra habitação em um outro lugar.

A representatividade dos atributos observável forma um conjunto, contudo, um sistema justo posto, gerando um sistema maior inserido na própria

paisagem. Tal afirmação nos redireciona para as bases teóricas da Teoria Geral dos Sistemas (BERTALANFFY, 1973). Desta forma, podemos concluir que a paisagem recai na maneira de como visualizamos algo, sendo uma feição observacional ocular instintiva. E cada ser vivo observa a paisagem diferentemente de outrem. Por exemplo: Uma pessoa daltônica não vê a mesma coisa que um indivíduo que não possui discromopsia. E tal exemplificação, não se estabelece apenas no campo visual, mas também no campo de nossos sentidos ou na falta de algum deles. Logo, algumas pessoas podem não visualizar os conjuntos sistêmicos que a paisagem nos mostra, nem mesmo ter a consciência de que as pessoas estão encaixadas nela e que não pertencem a ela (não somos paisagens).

Mas pôr quê os seres vivos, mais especificamente os que se locomovem (Permeantes, conforme proposto por Shelford (1911)), principalmente os humanos não podem ser parte integrante da paisagem?

Como citado anteriormente, a paisagem tem uma característica estrutural, não sendo estática, pois a natureza (antrópica ou natural) está sempre se desenvolvendo ou evoluindo devido aos processos naturais ou por processos antrópicos. Além deste fato, todos os corpos estão em movimento, pois o espaço planetário está inciso e é parte integrante do espaço cósmico, e este se encontra em constante movimento.

Os seres vivos, mais especificamente os humanos (que também estão em constante desenvolvimento, movimento e evolução), não possuem atributos paisagísticos, porque podem se deslocar e podem ir para fora de nosso planeta. Tal propriedade nos permite complementar a paisagem deste e/ou de um outro planeta ou de outros corpos celestes, logo, de outros espaços. E animais que pertenciam a uma determinada paisagem, podem se deslocar para nichos ou locais não característicos, devido a atuação antrópica (envio de cães e macacos para o espaço sideral, desmatamento, queimadas, poluição, ocupação territorial, exposição cultural e/ou preservação (zoológico) e outros motivos correlatos) e/ou por imposição de ocorrências catastróficas de natureza pura.

É importante estabelecer, que a visão de espaço foge dos paradigmas que regem a Geografia atualmente, tendo um agravante maior: que a ciência em evidência possui o atributo de ser única, não havendo uma dicotomia expressiva que conflui e estabelece um sub-ramo social-humano, de uma sub-ramificação física. Este simples fato cria um problema epistemológico, remontando o momento histórico do grande divisor paradigmático que se estabeleceu tal dicotomia. Porém, esta nova maneira de se trabalhar com um novo enfoque sobre o objeto de estudo da Geografia e suas praxes, estabelecem um novo divisor paradigmático e filosófico, onde se estabelece novo procedimento metodológico e estimulam novos conceitos para atribuir tarefas em uma ciência reunificada.

Neste momento, a Geografia passa por um período de transição, onde as forças se divergem em um trabalho extremamente voltado aos processos físicos da

natureza e outros que se identificam com os processos extremamente sociais. Ambos os lados lutam para preservar e manter este divisor paradigmático, mas ainda não observei alguém tentando estabelecer uma corrente de pensamento que estabeleça uma singularidade e exclusividade científica, que torna a geografia como única dentro deste aspecto. Pois é graças a esta relação que é possível organizar algo no espaço (organizar algo no espaço não implica em eleger o próprio como objeto de estudo da Geografia. Pois esta organização se dá graças a relação sociedade/natureza e não o contrário). Observe que estamos falando em organização **no** espaço e não **do** espaço. Pois, não se organiza o espaço. Tal possibilidade somente é possível se for em um ambiente/espaço virtual (realidade virtual computacional ou imaginário mental). bem como, analisar fenômenos que ocorram simultaneamente no que seria conhecido por SANTOS (1996), como espaço geográfico. Porém, estes fenômenos são gerados por duas forças naturais, uma estabelecida no âmbito ambiental físico natural e outra no âmbito ambiental antrópico natural (social e natura-artificial), sendo ambos responsáveis pelas causas e efeitos de ação e reação que se estabelecem no espaço físico (uma porção de área e/ou terreno da superfície terrestre). Sendo assim, o leitor duvidante observa que todas as colaborações e/ou interferências humanas é a concretização de um espaço originário pela sociedade humana. Mas não considera que tais criações e interferências/influências antrópicas, são na verdade ambientes desenvolvidos por nós seres humanos.

O problema maior da Geografia é sua dicotomia, divisão entre Geografia Física e Geografia Humana. O autor deste manuscrito, há muito vem tentando unificá-las, porém, os paradigmas seguidos desde os Século XIX e XX, associado a falta de sensatez dos atuais estudiosos e filósofos da ciência geográfica, impedem uma evolução positiva ao que se trata. Para que esta união ocorra; Na concepção deste que vos escreve, faz-se necessário a substituição conceitual de Espaço Geográfico. Descarte o espaço e terá uma Geografia!

Os pesquisadores entendem que **Espaço Geográfico** é o espaço habitado, transformado e utilizado pelo ser humano. É a porção da superfície terrestre que abriga as sociedades e todo o processo de transformação deste. Logo, acreditam que constroem seus espaços. A sociedade humana não cria espaço, ela desenvolve ambientes. E o espaço mencionado e/ou classificado, nada ,mais é que a delimitação territorial onde ocorrem as relações sociedade/natureza e vice-versa. E são estas associações/relações que são de fato estudadas. O espaço em si é observado em segundo plano. Pois em muitas teses e trabalhos acadêmicos, a única coisa que diferencia a Geografia da Sociologia, Economia, e outras áreas, é um mapa. E em muitos casos, tendo apenas a localização da área estudada. E tais procedimentos, fatos e atos, nos levam às outras questões, como as abordadas nos textos que se seguem.

GEOGRAFIA...FERRAMENTA DE ANÁLISE OU CIÊNCIA?

A Geografia deve ser científica e não apenas uma ferramenta de análise, pois todas as ciências são em sua essência uma ferramenta de análise. Pois existem bases teóricas e práticas metodológicas concretamente formadas e evidenciadas, caracterizando uma abordagem empírica, isto é: que se descarta o metafísico, baseia-se apenas na experiência pura, com possibilidade de falseamento e aplicação de métodos para teste direto ou indireto.

Porém, observamos que tais processos estão cognitivamente ligados a uma abordagem não empirista, ou em que, num dado momento não há como estabelecer um padrão concreto de abordagem empírica. Tal análise condiciona a Geografia como sendo uma ciência **histórico/empírica**. Descartando assim a ideia de que a geografia é uma ciência de síntese. A ciência geográfica é Histórica quando não há a possibilidade de recriar ou verificar uma característica repetitiva de um determinado fenômeno, portanto é uma ocorrência ou fato único. Um exemplo disto: As condições climáticas do Período Devoniano. E empírica, quando se pode testar, analisar e verificar, direta ou indiretamente um fenômeno que se constata no momento, podendo ou não ter um padrão histórico evolucionário (seja ele natural ou não). Exemplo: Êxodo rural municipal.

A Geografia enfoca esta relação/associações e ainda descreve e prescreve estas e suas feições naturais ou artificiais. Porém cada pesquisador desenvolve este enfoque de maneira específica, dentro de uma análise paradigmática, estabelecendo um enfoque puramente sócio-econômico ou puramente relevando aspectos físicos.

Assim posto, pergunta-se: A Geografia é realmente que tipo de ciência: Social ou Física?

O que faz gerar esta dúvida, recai no objeto de estudo da Geografia que até o presente momento não foi caracterizado concretamente. Nenhuma outra ciência enfoca as relações sociais humanas com as relações naturais físicas conjuntamente. Por este motivo a Geografia deve estabelecer este conceito e parar de teorizar espaço.

Quando o geógrafo não mais possuir dúvidas com relação ao seu objeto de estudo, e quando adquirir coragem e se unir com seus colegas geógrafos para se impor no mercado científico (mercado de trabalho), estas dúvidas não mais serão cogitadas.

O espaço terrestre é o mais importante para o contexto geográfico (no momento), pois o próprio nome da ciência Geografia advém do entendimento de descrever a Terra. Porém, apenas descrever, não condiciona a área de estudo como uma ciência, sendo necessário desenvolver teorias e encontrar respostas aos questionamentos que equacionam e expressam o funcionamento da dinâmica dos elementos físicos terrestres, associados à dinâmica dos elementos extraterrestres,

vinculando e correlacionando estes citados, a nossa sociedade e sua participação nas alterações e/ou influências diretas e indiretas, tanto destes elementos, quanto dos elementos sociais, estabelecendo a dinâmica antrópica, desenvolvendo-se esta, em base da **RELAÇÃO SOCIEDADE/NATUREZA**.

Quando acontecer de os pesquisadores desenvolverem pesquisas conjuntamente, a sociedade científica, bem como a sociedade em geral, irão receber muito mais informação e a ciência avançará muito mais rápido. Pois no atual estágio de desenvolvimento humano, o individualismo atrasa o progresso científico.

Às vezes um pesquisador está desenvolvendo um trabalho semelhante ao do colega ao lado (ambos pertencem à mesma instituição), porém não se unem para expor as idéias e juntamente publicarem os conhecimentos adquiridos. E mesmo que as idéias sejam opostas, mas se objetivo ou o enfoque for o mesmo, deve-se trabalhar da mesma forma e publicar o trabalho como um diálogo de contra pontos, que irá adicionar conhecimento e gerar interpretações positivas aos seus leitores. Pode-se citar como exemplo, a obra “Modernização Reflexiva” (1995).

A Geografia se preocupa com as atividades e relações humanas no meio, sendo este o ponto fundamental. Desta maneira, observa-se que são as relações humanas e suas influências ao ambiente e vice-versa - onde o homem está (Planeta Terra, Marte, Lua, nave espacial, estação espacial e Espaço Cósmico), que é estudado pela ramificação científica ora analisada. E tal estudo condiciona ao expoente das profissões voltadas ao planejamento urbano/rural e/ou se preferir planejamento ecológico-econômico, que nada mais é: **PLANEJAMENTO AMBIENTAL**. Pois a bagagem intelectual do profissional geógrafo capacita o indivíduo a atuar de forma mais significativa e vicinal no âmbito de elaboração de planos de desenvolvimento governamentais que visem o aprimoramento do uso dos recursos humanos e naturais. Sendo estes, estudados conjuntamente, buscando o equilíbrio entre as disposições e necessidades humanas e das exigências mínimas para se manter o nosso Planeta vivo. Qualquer ação de desenvolvimento social/econômico, deve respaldar uma confluência às questões naturais puras e vice-versa (caso ainda queira desenvolver projetos voltados à natureza pura). Empregando-se métodos científicos que se enquadrem no bojo deste discurso e/ou tema.

As etapas e todo o procedimento metodológico empregado na área geográfica tem que ser de cunho científico histórico ou empírico. Mas que não seja apenas analítico ou descritivo como vem sendo até hoje feito.

Contudo, é equivocado pensar que novas ideias surgem graças exclusivamente à experimentação. Novas ideias, mesmo no campo das ciências, surgem através do livre pensar, ou até mesmo de uma manifestação do subconsciente (sonho), que direta ou indiretamente está ligado as suas necessidades.

Um fato óbvio deste cizaniar tal conceito, recai na simples questão funcional das coisas criadas pelo homem. Por quê foram criadas?

Exemplo: Vamos imaginar que você leitor, está nascendo neste momento,

sem pai, nem mãe. Não há uma civilização, não existem ferramentas, nem utensílios domésticos, você está sozinho em um mundo formado por plantas, animais, rochas, e todo os outros objetos paisagísticos encontrados no espaço terrestre. Logo, você sente fome, tem que se alimentar. Mas tudo o que vê são pequenos roedores correndo e se escondendo entre as rochas. O que você faz? Intuitivamente, sua primeira ação será correr atrás do alimento. Então, se cansa de ir e vir sem resultado. Qual sua segunda ação? Arremessar uma pedra no roedor com uma atiradeira! Desta maneira, você criou um método para caçar roedores, com o auxílio de uma ferramenta que sua intuição criou, embasada na experimentação e associado com a sua necessidade pessoal. Porém, você pode observar este pequeno ser indo e voltando, mas ao contrário do primeiro exemplo, ao invés de você correr atrás do alimento, sua atitude será de elaborar uma armadilha, pensando em cercá-lo com pedras. Desta maneira, seu intelecto organizou e deduziu algo sem a experimentação. E as melhorias de sua armadilha virão somente depois de analisar os acontecimentos ocorridos após a construção de seu artifício. Ou seja: Suas observações experimentais se iniciam quando você constata que os roedores estão saltando sobre o amontoado de rocha utilizado para cercar os roedores. Sua mente reage de imediato e o obriga a elevar a altura, criando um muro com apenas uma saída. Depois de algum tempo, começa a surgir uma hipótese: Será que esta armadilha pode ser usada para apanhar outros animais?

Palavras de Mesquita Filho (1993): *"Nada impede que uma idéia venha a ser aceita até mesmo quando não há experiência alguma a comprová-la. Inadmissível, a princípio, seria a aceitação de um conceito a contrastar com a existência de dados experimentais consistentes a falseá-lo.*

Porta (1999), retrata o conhecimento "a priori", a embasar as ciências empíricas, com as seguintes palavras: *"Se há um conhecimento que tenha as qualidades de necessário e universal então ele não pode ser empírico e, em consequência, é, por oposição, 'a priori'."*

O caráter universal da ciência empírica está explícito na regra científica fundamental. Por paradoxal que possa parecer, universalidade implica em apriorismo e conhecimento "a priori" é aquele que não pode ser suficientemente fundamentado pela experiência. Logo, a regra científica fundamental não é justificável pela experimentação e nem passível de falseabilidade. Não obstante, o paradoxo se desfaz pela própria regra, pois ao afirmar que os demais princípios "também" são universal num contexto espaço-temporal, a regra garante-nos que tais princípios possam ser enunciados em decorrência de observações particulares (rigorosamente falando, deixam de ser princípios, transformando-se em leis). Ou seja, a regra científica fundamental assume todo o apriorismo inerente à ciência. Por exemplo, Galileu ao reduzir o atrito chegou à conclusão que o movimento dos corpos terrestres se conserva (inércia), falseando o argumento de Aristóteles. Longe de ir contra a experimentação, a regra científica fundamental dá suporte à

experimentação, como que a garantir a evolução de um idealismo transcendental (teorização) para um realismo experimental (prática”).

Estes argumentos foram descritos aqui, devido ao fato de muitos estudantes acadêmicos registrarem suas idéias de que a Geografia não é uma ciência, e sim, uma ferramenta que auxilia outras áreas do conhecimento. Sendo a ciência um corpo único; a Geografia e todos os outros ramos científicos são ferramentas para se alcançar o conhecimento e a busca pelo saber.

As estruturas que sustentam as bases de criação e existência da Geografia, estão calcadas em um complexo discernimento filosófico da realidade observada pelo pesquisador, das relações humanas, das leis que regem um ou mais sistemas, ordem de elaboração existencial de paradigmas, fundamentação epistemológica, aquisição da experiência, metodologia dedutiva ou inconsciente, posicionamento das idéias de vivacidade de um argumento idealizador dos parâmetros que sustentam uma hipótese ou uma teoria, compartimentos distintos ao que se refere a subdivisões da ciência, imposição política administrativa, influências de poder e por fim, elaboração de conceitos que determinam o objeto de estudo de uma ciência e/ou ramo científico.

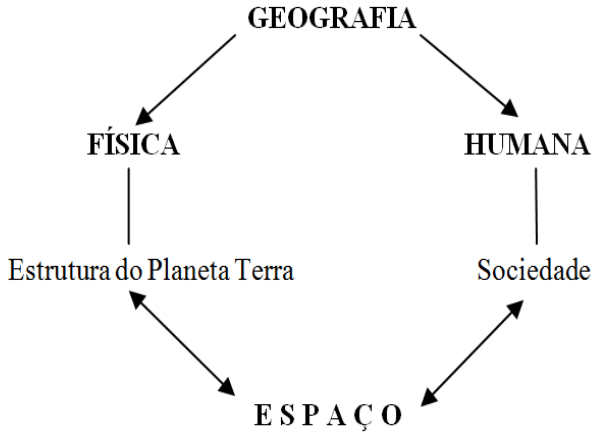
Todos os seres vivos exercem um papel importante na estruturação da paisagem e são influenciados direta ou indiretamente pelos processos naturais responsáveis pela manutenção da vida, tanto destes seres, quanto do espaço planetário em si. Desta forma, a Geografia se enquadra dentro das **ciências ambientais e/ou ciências da terra**. Tal análise somente é possível no campo limite, entre as questões físicas e as questões humanas, entendendo que o equilíbrio ecológico se mantém graças às pesquisas propícias ao desenvolvimento e estabelecimento do bem estar social, bem como do bem estar natural. Pois atualmente é o ser humano e sua sociedade que estabelece e decide o que vive e o que deixa de viver no planeta. Estabelecendo ainda, o que se mantém natural ou não. Sendo que os fenômenos naturais têm pouca influência, se comparado ao final do Século XIX, mas que muitas vezes são decisivas e definitivas. Não menosprezando estes no Século XXI. Porque os fenômenos naturais puros, interferem diretamente nos ambientes agrários, pecuários, pesqueiro e outros. Logo, esta visão de que a ciência e a sociedade evoluiu ao ponto de que as intervenções climáticas, geológicas e outras, não são relevantes, é equivocada.

Quando estabeleço a Geografia dentro das Ciências Ambientais, é porque nos concentramos a estudar o impacto (positivo ou negativo) que a sociedade causa ao meio físico e vice-versa. A sociedade humana é uma característica natural antrópica e o ser humano é natural (próprio da natureza pura). O que se estuda não é a atuação da sociedade no meio apenas, mas esta interação conjunta da natureza pura, natureza humana e nós – ser social. Estabelecendo desta maneira um conjunto sistêmico e dinâmico, que não pode ser separado, sendo que este conjunto de fenômenos se estabelece na crosta terrestre. Por exemplo: O geógrafo estuda as

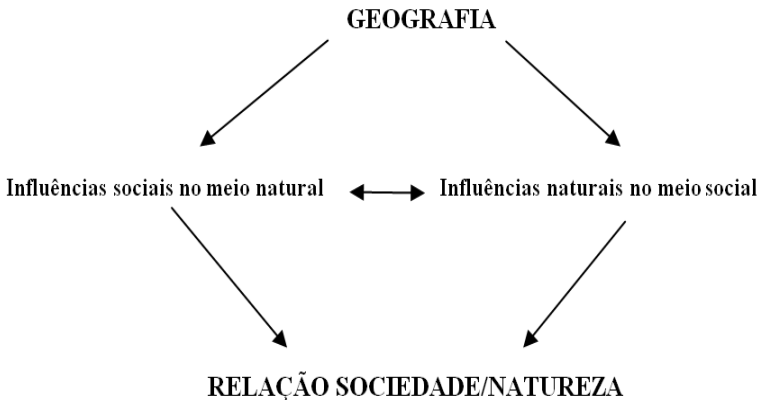
influências/mudanças climáticas e suas consequências à sociedade, estabelecendo ainda, as influências que a sociedade exerce aos aspectos climáticos (poluição atmosférica – chuva ácida e outras proposições que surgirem em sua mente). Desta forma, não se avalia um aspecto social puro, ou um aspecto físico in situ, mas um fenômeno natural - gerados pela natureza pura e antrópica ao mesmo tempo. As análises e seus resultados gerados por este tipo de abordagem propiciarão um diagnóstico interativo que possibilitará ações de planejamento governamentais e/ou de cunho particular científico/empresarial. Mencionando como exemplo: O estudo das transgressões marinhas causadas pela mudança climática em uma determinada região, onde ocorre a redução da faixa litorânea, comprometendo as estruturas de moradias e/ou comerciais, bem como, intervindo nas atividades sócio-econômicas e/ou particulares de cada indivíduo. Mas seja lá qual for a atitude tomada, haverá com certeza, uma mudança significativa na paisagem.

Em um único trabalho científico geográfico pode apresentar questões de cunhos testáveis e não testáveis, mesclando postulados históricos e empíricos. Graças a esta particularidade, é que se torna possível estabelecer união entre a Geografia Física e a Humana, desencadeando uma nova perspectiva ao contexto geográfico. Mas para que tal proposta obtenha sucesso, é necessário refutar o espaço como objeto de estudo. Além deste fato, ainda faz necessário compreender que a ciência é um corpo único, o conjunto global formado por grandes áreas do conhecimento, sendo estas constituídas de grupos de especialização profissional que possui várias sub-ramificações. Pois, alguns pensadores entendem que a ciência são arcabouços articulados que devem se ater única e exclusivamente a uma porção específica de uma determinada área de estudo.

Ciência nada mais é, que a busca pelo saber. Por este motivo, há de se compreender que as demarcações científicas não são ciências, são ferramentas e artifícios que nos levam ao conhecimento específico ou global. Logo, a Geografia se afirma como ciência. Sendo que a Geografia (atualmente) não deixa de se ramificar dessa forma:



Na concepção do autor deste, a Geografia deve abranger os principais conhecimentos de cunho social e físicos, enfocando não o espaço, mas as relações/associações entre as dinâmicas exercidas pelo papel individual de cada um (elemento), que irá resultar na complexa inter-relação dos elementos sociais e ambientais, originando a perspectiva proximal, que irá respaldar o resultado final dos estudos geográficos. Tal interpretação nos leva ao novo contexto estrutural do tronco científico geográfico, se ramifica assim:



Esta estruturação nos eleva a uma redefinição de Geografia: **Geociência que trata das relações ambientais sociais humanas e suas associações interligadas aos ambientes naturais físicos e suas integrações com os fenômenos naturais do espaço morfodinâmico onde o ser humano está e de suas leis.** É importante observar que a presença humana não está consolidada neste Planeta e sim, em qualquer corpo celeste onde o homem possa viver/sobreviver.



(Internet, 2016)

Com esta interpretação, pode-se criar e desenvolver trabalhos acadêmicos voltados a uma visão única de inter-relação geográfica, unindo as duas ramificações que compõem a Geografia, bem como, estabelecendo vínculos metodológicos com as ciências afins e/ou distintas, que caracterizam transdisciplinaridade/interdisciplinaridade. Podendo ainda trabalhar com diversos métodos.

Estas afirmações podem ser confirmadas nos trabalhos realizados por alunos do Curso de Geografia Magister da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI-SC) em parceria com a Universidade do Contestado-Mafra/SC (UnC- Mafra), no ano de 2005, que foram embasados nas formulações anteriormente citadas, com a finalidade de estabelecer um elo de ligação entre a Geografia Física e Humana, estabelecendo um diagnóstico ambiental interativo (denominação dada por Nitsche (2000)). Sendo assim apresentado:

As atividades que se seguem, foram sugeridas com base nos primeiros parâmetros metodológicos seguidos por NITSCHKE (1999), sendo este, a primeira tentativa de se estabelecer uma conexão entre a Geografia Humana e Geografia Física. Tal obra possibilitou realizar as pesquisas, que ora vos são apresentadas:

- Trabalho de pesquisa desenvolvido pelos professores-alunos: Marilei T. M. Heleodoro, Alberto Manoel Rodrigues e Rita de Cássia Plácido. Este projeto visa auxiliar as prefeituras municipais, com a participação das escolas, no planejamento de cidades, mais especificamente ao que se refere a criação de áreas verdes, sendo assim transcrito:

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto em si iniciou-se sem grandes pretensões, o que era pra ser observado e analisado, tornou-se de grande vulto envolvendo alunos compondo de equipes trabalhando de maneira dinâmica e prática, exigindo uma resposta em que o meio-social pudesse ser modificado a favor da escola e da comunidade.

A partir deste momento, sob o olhar crítico e com empolgação das equipes, obteve-se a idéia de ocupar a área em frente à escola, pertencente ao Governo Municipal.

Entre várias apresentações uma das equipes elaborou com ajuda das Oficinas de Marcenaria sob a orientação do Professor Alberto M. Rodrigues e da Professora Rita de Cássia Plácido, responsável pela Oficina de Artesanato, a maquete com a principal idéia de transformação e recuperação da área, constando de

um parque infantil, pista de bicicross, e áreas para preservação e recuperação da mata ciliar do arroio de Matadouro.

Diante de tal perspectiva, iniciou-se o levantamento no dia 15 de novembro de 2004, por esta equipe que vos escreve, realizando incursão à área foco, com a finalidade de realizar a demarcação delimitadora dos limites do futuro e pretendido parque. Além de estabelecer quais as ações a serem tomadas quanto à realização do projeto de pesquisas. Munidos de dois GPS Garmim de 24 canais e outro de 12 canais, foram plotados os pontos ao longo da área em estudo.

As coordenadas em UTM, sendo os pontos:

A: 0618939/7112979;

B:

0618903/7113090;

C:

0618847/7113240;

D: 0618

823/7113132.

Havendo na área uma edificação, onde se localiza a sede da

Associação de Moradores Vila das Flores, surgindo a hipótese de implementar junto ao local uma Biblioteca Pública, para atender a população, em pesquisa, leitura e entretenimento.

Foi realizada uma reunião com as atuais Presidentes da Associação de Moradores da Vila das Flores e Vila Solidariedade, Mafra-SC, no dia 05 de fevereiro de 2005, para expor o projeto e pedir a colaboração, através de suas representantes, para o engajamento da comunidade. Obtendo-se êxito nesta reunião, onde ficou esclarecida às dúvidas, sobre a ocupação da área por pessoas moradoras desses bairros.

Além deste fato, os autores deste projeto, solicitaram apoio na realização de um abaixo-assinado, requerendo ao poder público o uso da área localizada em frente à unidade escolar, e auxílio no levantamento de dados ambiental e social das comunidades que norteiam a escola. Abordando o assunto sobre a implementação da biblioteca na sede da associação a qual foi aceita imediatamente pelas dirigentes, sendo de grande valia para a comunidade em geral. Neste mesmo dia cogitou-se o lançamento de uma campanha de arrecadação de livros novos e usados, onde posteriormente a campanha ganhou ênfase com a divulgação na mídia falada e escrita, através do jornalista Edwardes J. Sartori, que detém na Rádio São José um Programa diário intitulado de J. Sartori, onde os acadêmicos, solicitaram aos ouvintes a doação de livros, deixando endereço e telefones para contato e também no Jornal Tribuna da Fronteira onde o público respondeu prontamente. A escola através da oficina de marcenaria projetou e executou a montagem de estantes e materiais, colaborando para a concretização da biblioteca, sendo o 1º bairro a ter uma; servindo de exemplo a outros bairros que quiserem aderir a idéia.

Além do estabelecimento da área e da elaboração da biblioteca, surge a necessidade de preservação da mata ciliar, objetivando o controle de cheias, bem como, a preservação ambiental realizada pelos alunos de todas as idades. Sendo assim, realizou-se a coleta de folhas para análise, seguindo a metodologia desenvolvida por SANCHES e BENEDETO apud, Josué Camargo Mendes (1988). Pois seja qual for a faixa etária do indivíduo, poderá colaborar nas investigações fitoflorísticas, sem saber do processo de classificação e sistematização das espécies, sejam elas animais e/ou vegetais. Com este método, pode-se trabalhar em vários níveis de aprendizado, iniciando-se no pré até o último ano do Ensino Médio. Sendo que os professores de ciências, geografia e biologia podem realizar tarefas escolares que se caracterizam dentro de cada faixa etária, optando em apenas coletar amostras e/ou até mesmo classificar as espécies que compõem a mata ciliar do futuro e pretendido parque.

Enfocando a metodologia anteriormente descrita, estabeleceu-se quatro áreas ou táxons de 6m x 6m, distantes 6 metros uma das outras, usando uma trena, quatro (4) balizas de 2 metros de altura, e os 2 GPS anteriormente citados, estabelecendo desta maneira os pontos de amarração do terreno. Estes se localizam

em uma altitude de 774 metros aproximadamente, portanto abaixo da cota de enchentes que é de 779 metros no município de Mafra-SC, fixado por lei nº 1431 de 11 de junho de 1986.

Para o levantamento de cunho social, elaborou-se um questionário e os dados pesquisados serão apresentados em forma de tabelas. Indicando amostras de pesquisas do espaço geográfico denominação de Santos (1996) e/ou como denomina Nitsche (2001), ambiente social, professores, alunos e famílias das comunidades que rodeiam a Unidade Escolar, divididos em partes de acordo com a pretensão da pesquisa, contendo perguntas relevantes ao que se destina.

Chegou-se a conclusão que em 350 questionários distribuídos para famílias de alunos C.E.M. “Beija-Flor”, bem como para a comunidade local, somente 160 questionários foram preenchidos e devolvidos, tornando assim nosso universo de pesquisa, equivalendo ao percentual de 45,7%.

Com o intuito de não repetir questionários a uma mesma família, foi pesquisado com antecipação; classificando números de irmãos, a série e a professora regente, tornado-se a pesquisa mais próxima da realidade.

Através de cobranças e pedidos repetitivos não voltaram 190 questionários, num total de 54,2%, o que chamou a atenção por ser um número significativo e sem justificativa para tal acontecimento. (In: HELEODORO, RODRIGUES e PLÁCIDO. A Participação da Escola no Planejamento Ambiental Urbano. Mafra, 2005. Monografia (Graduação) – Setor de Geografia da Universidade do Contestado – Mafra/SC.).

Ao analisar o procedimento metodológico deste trabalho anteriormente mencionado, pode-se perceber que existe a concretização do processo de transdisciplinalidade/interdisciplinalidade, pois muito se discursa sobre tal aplicação, mas pouco é praticado e feito. Logo, observa-se a união de três ciências, sendo estabelecido relação harmoniosa entre a Geografia Física, Geografia Humana e a Paleontologia, tendo ainda a participação da História, que embasa este diagnóstico, no que se refere aos processos do desenvolvimento urbano/rural local. Além de estabelecer tais vínculos, nota-se que há aplicação para todas as disciplinas que compõem a grade do currículo escolar, podendo surgir n. possibilidades para as práxis educacionais acadêmica, embasadas em fatos científicos gerados por procedimentos geográficos, estabelecendo a relação sociedade natureza como objeto de estudo e não o espaço. Pois não se analisa o espaço apenas, mas as relações que ocorrem nele.

Após as avaliações deste projeto, pode-se analisar a próxima pesquisa, observando as diferenças modelar do procedimento metodológico e suas aplicações:

- Esta pesquisa que ora vamos ler, refere-se ao impacto causado pelo cultivo e reflorestamento de pinus, na região de Rio

Negrinho – SC, sendo desenvolvido pela professora-aluna Marli Stoeberl Fernandes, que descreve seu rol metodológico como se segue:

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Seguindo as observações de NITSCHKE (1999, 2000 e 2001), observa-se que sua estruturação monográfica e suas análises atende as duas áreas da Geografia, logo, segue-se este procedimento na pesquisa ora apresenta”.

Para que este trabalho alcançasse seus objetivos foi necessária a busca de informações destas empresas com relação às questões sociais e ambientais, através de telefonemas, e-mails e entrevistas pessoais com os responsáveis pelo departamento do meio ambiente de cada empresa.

A pesquisadora também recorreu de dados referentes às empresas Moveleiras atuantes no Município, e leis ambientais vigentes no órgão responsável da Prefeitura Municipal de Rio Negrinho-SC.

As bibliografias que foram consultadas, durante todo o processo de trabalho de campo, bem como, o de escritório, fizeram parte dos acervos de bibliotecas, museus, universidade, aquisição pessoal de livros e busca na internet.

Os levantamentos das características fisiográficas do Município tais como as geológicas, geomorfológica, hidrográficas, climáticas e pedogenéticas, foram realizadas através de consultas à projetos elaborados pela Battistella (EIA-RIMA) 1988 e Tese de mestrado “APAs de Rio Dos Bugres” da autora Dalagnoll (2001).

Para os dados referentes aos aspectos econômicos e demográficos foram fornecidos pela Prefeitura Municipal de Rio Negrinho (SENSO 2000) e Sindicatos Dos Trabalhadores de São Bento do Sul. Tendo ainda, dados obtidos por questionários formulados e emitidos pela própria autora, aos órgãos competentes administrativos das empresas anteriormente citadas. Para a aquisição de foto aérea panorâmica, teve participação de diversos setores como as empresas pesquisadas, Prefeitura Municipal do Município, Câmara de Vereadores do Município, acervo histórico do Museu Carlos Lampe, colegas e fotógrafos autônomos e profissionais. Além de fotografias tiradas pela própria autora. Estas fotos desempenham um papel fundamental para a visualização das áreas pesquisadas, bem como dos impactos causados. Ainda, graças ao uso do programa Corel Draw 5, pode-se delimitar áreas de interesse e/ou fenômenos nas próprias fotografias. A Secretaria do Planejamento e Infra-estrutura da Prefeitura Municipal de Rio Negrinho-SC, forneceu todo o material cartográfico, sendo utilizados o Mapa Municipal Estatístico em escala 1:50.000 e Mapa Rodoviário com escala de 1:50.000.

Estes dados foram analisados e correlacionados a fim de estabelecer um diagnóstico interativo (Nitsche, 1999), que se preza auxiliar no estabelecimento de decisões que envolvam o desenvolvimento sustentável da região, o enriquecimento

de material técnico/bibliográfico para a prefeitura do Rio Negrinho; e ainda, prestar assistência ao projeto (Plano Diretor da Cidade de Rio Negrinho) desenvolvido pela Prefeitura do Município, tendo a frente a bióloga Leoni Furts. O embasamento teórico e empírico faz parte deste projeto, o primeiro destina-se a busca no pensamento e idealização do processo de construção do projeto, sendo que o segundo, faz-se no procedimento do trabalho de campo, pois cada ponto citado foi visitado e analisado por quem manuscrita esta divulgação”. (In: FERNANDES, Marli Stoeberl. Diagnóstico dos Impactos Ambientais/Sociais Causados pelas Madeiras no Município de Rio Negrinho – SC. Mafra, 2005. Monografia (Graduação) – Setor de Geografia da Universidade do Contestado – Mafra/SC.).

Nota-se que os próprios alunos ainda não concretizam as idéias de Nitsche em sua plenitude, pois ainda estão ligados aos padrões geográficos que os formaram/capacitaram.

Após exposição destas pesquisas, tem-se a impressão aparente de um “saladão” esta maneira de se trabalhar com uma geografia única, pois quem tem visão geográfica humana vai identificar linhas que se enquadra neste campo do saber, o mesmo acontecendo com os geógrafos físicos.. É uma salada que não pode ser servida a duas classes distintas, pois seu sabor é homogêneo e não permite ser apreciado por paladares dicotômicos.

E seguindo as mudanças necessárias para alcançarmos uma revolução positiva ao avanço das práticas de ensino e de pesquisa na Geografia, temos que superar muitos obstáculos, tais como:

INFLUÊNCIAS SOCIAIS NEGATIVAS AO PROGRESSO CONSTRUTIVO DA CIÊNCIA

Ainda observamos dentro de qualquer ramificação científica, a inveja, orgulho e a mesquinhez de pesquisadores, mostrando o quanto evoluímos negativamente aos próprios processos de transformação cultural, social e humano.

Essas atitudes levam a ciência ao abarrotamento de pensamentos não construtivos. E isso é expresso dentro das academias, quando um professor tenta prejudicar um aluno que possui ideias mais dinâmicas. Ou quando um colega pesquisador descreve ou transcreve trabalhos de alguém e não cita ou referencia tal fonte. Ou ainda, rouba-lhe as ideias e publica artigos ou livros que copiou de um manuscrito que ele mesmo reprovou, quando lhe foi enviado para avaliação, seja pela editora ou instituição. Tal conduta insere na reformulação do que é ético. Outro problema, e até mesmo podemos denominar de preconceito ou etnocentrismo científico, expressa-se no que seria o “abismo” existente entre o profissional licenciado em Geografia e o profissional bacharel em Geografia. Para muitos, o geógrafo é aquele que possui o bacharelado, desta forma e única, são os verdadeiros

geógrafos. E aqueles que possuem a licenciatura, são apenas professores de geografia.

Diante deste dilema, pergunto: Se o professor de geografia (que não possui o bacharelado) adquiri todo o seu conhecimento dentro do Curso de Geografia e toda sua formação foi embasada pelos conhecimentos transmitidos por bacharéis (pois antes de serem mestres e doutores, tiveram que ser alunos e adquirir o título de bacharel), então a que classe pertence estes professores de Geografia? Logo se conclui que são geógrafos! A alegação dos bacharéis é sustentada por uma interpretação funcional do procedimento das atividades dos professores de Geografia: O professor não executa atividades de pesquisa, não realiza incursões à campo, logo não é geógrafo. Outro motivo seria: Que os professores não são obrigados a realizar monografias desenvolvidas em procedimentos metodológicos científicos (em algumas instituições).

Porém; o que se observa, é que o professor desta área do conhecimento sempre realizou pesquisas, direta ou indiretamente, ao contrário de muitos professores universitários, que usam folha de acetato amarelada, queimada pelo uso contínuo e por longo período do retro-projetor e/ou dados de datashow/media com assuntos que foram elaborados em uma de suas primeiras aulas. Ou ainda, que executam suas atividades em laboratórios, sem ao menos ir ao campo para avaliar suas reflexões, que foram embasadas na literatura. Os professores das redes de ensino estão sempre aperfeiçoando seus conhecimentos, improvisando materiais, realizam cursos, frequentam cursos e desenvolvem pesquisas (particulares ou não), principalmente os mais jovens ou recém chegados. Claro que há exceções!

E se falando em exceções, neste mesmo curso anteriormente mencionado, ocorreu o seguinte:

Os alunos (professores), não conseguiram entender a dinâmica das aulas, sempre questionando e dialogando com seus colegas o do pôr quê de determinados exercícios. Pois, estas atividades serviram de ferramenta para promover o desequilíbrio entre o sujeito e o objeto. O que se esperava é que os alunos (professores) ao perceberem uma nova realidade, se adaptassem. Ou percebessem que estava sendo administrado a base da prática educacional que eles aprendem ou deveriam aprender.

O experimento foi realizado nas seguintes condições:

Os alunos formariam grupos de estudos, escolheriam um tema pré-estabelecido pelo professor e através de pesquisas na internet, concluiriam as atividades. Algo simples, porém, não foi mencionado este processo nos primeiros dias de aula. E a temática dos estudos eram compartimentadas em fases (cinco), que ao final se constituiria em um trabalho único com ênfase nas conclusões finais de cada tarefa dada (cinco fases). Deve-se salientar ainda, que ao invés de trabalharem nas pesquisas, os alunos conversavam, abriam seus e-mail e visitavam páginas de interesse pessoal.

Nem mesmo no final do curso puderam descobrir que lhes foi aplicado (na prática) o **CONSTRUTIVISMO** de Piaget. Não houve por parte destes, a assimilação e muito menos a acomodação. Isso mostra que os professores não estão tendo a base filosófica necessária para sua atuação no mercado de trabalho e/ou, não possuem a consciência de que para ser professor é necessário muito empenho e responsabilidade. Esta máxima é válida para todos os professores, inclusive os universitários.

Voltando a atenção ao abismo entre bacharelado e licenciatura em Geografia, podemos afirmar que o bacharel realiza e desenvolve pesquisa, detendo o conhecimento e retendo o saber; logo, o professor de geografia apenas transmite os conhecimentos adquiridos pelo saber de outros. Mas nada impede que o licenciado desenvolva pesquisas, tudo depende se sua vontade pessoal. Assim posto, pode-se dizer que os professores são responsáveis pela transmissão dos conhecimentos e pela introdução dos alunos ao mundo do conhecimento. Logo, não são pesquisadores, porém, são geógrafos!

Uma outra questão deve ser observada, a de que, ainda estamos vivendo uma rivalidade étnica científica, forjada pelo etnocentrismo de alguns países. Uma exemplificação sem ornato seria expressa desta maneira:

Certa vez assisti um documentário sobre dinossauros carnívoros, no programa televisivo denominado “Paleo-World”, que foi elaborado pela Discovery Channel (2001). Neste documentário, alguns paleontólogos americanos realizaram algo tão jocoso e que ao mesmo tempo demonstrava uma idolatria norte-americana tão consistente, pois, se esqueceram que os dinossauros nunca foram norte-americanos ou sul-americanos. Ocorreu o seguinte:

O *Tyrannosaurus rex* sempre foi o mais espetacular dinossauro de todos os tempos (para algumas pessoas), devido ao seu tamanho e possível ferocidade, descoberto em 1902 e desenhado pela primeira vez pelo norte-americano Henry Fairfield Osborn. Até que no ano de 1995 foi descoberto o *Giganotosaurus* (*Giganotosaurus carolinii*), por uma equipe de cientistas argentinos, Rodolfo *Coria* e Leonardo Salgado, do Museu Argentino de Ciências Naturais em Neuquén, perto dos Andes (Argentina), medindo 15m de comprimento por 7m de altura. Considera-se que o *Tyrannosaurus*, em média, tem 13 m de comprimento por 5 m de altura.

Com estas diferenças de tamanho entre um fóssil e outro, os americanos realizaram uma comparação de superioridade e agilidade destes seres, comparando-os como se existissem no mesmo Período. Além disto, ainda fizeram um comparativo entre estes dinossauros com lutadores de boxe, sendo que o lutador de calção vermelho e azul representava os EUA - América do Norte, e o outro lutador representava a América do Sul. Claro, estes lutadores estavam também representando os “dinos” ora citados. Na conclusão e parte final deste documentário, disseram que o *Giganotosaurus* não era páreo para o indestrutível *T. Rex*.

Este fato hilário mostra um quadro sombrio aos quesitos científicos e até mesmo ético/moral para a ciência. Pois o pesquisador deve, antes de qualquer coisa, ser neutro e expor os fatos de maneira a não tomar partido nas questões pertinentes a sua pesquisa. Um cientista deve registrar os fatos e concluí-los com seriedade e cientificismo, sem expor suas opiniões pessoais que possam demonstrar uma rivalidade, preconceito ou desilusão, mas apresentar os resultados integralmente conforme foram adquiridos durante o processo de investigação. Neste caso, a opinião pessoal terá que retratar uma hipótese ou teoria, mas não conotar algo irrelevante ao conhecimento, como é o caso da conclusão e a visão destes que realizaram o tal vídeo.

E por falar em desenvolver uma hipótese, muitos autores e pesquisadores tentam induzir a pesquisa para que alcance o resultado de sua ideia quanto a um fenômeno, ocultando informações que poderiam contradizer sua hipótese, para que não seja reprovada sua tese. Este procedimento mostra que não há o amadurecimento do pensamento, de que, mesmo reprovada sua hipótese o trabalho foi concretizado e mostrou um novo rumo ao conhecimento científico. Porém, deve-se ponderar e pensar muito bem se em sua pesquisa deve ou não ocultar um fato histórico que envolva nomes de pessoas e/ou famílias. No projeto de pesquisa que possibilitou o livro *Três Barras do Paraná* (2000), este dilema foi vivenciado, pois naquela região aconteceram revoltas e chacinas, devido à posse de terras. E o melhor seria relatar o fato, mas ocultar os nomes das pessoas envolvidas. Desta maneira, preserva-se a harmonia e convivência social, evitando rivalidades entre as famílias envolvidas. Deixo aqui, a possibilidade de se realizar um diálogo entre pesquisadores, professores e alunos, para se encontrar a melhor solução para este tipo de situação.

Ainda dentro desta análise, observa-se que existem problemas étnicos históricos, que são mais percebidos na área da arqueologia, mas que existe em todos os ramos científicos. Pode-se citar como exemplo o caso do povo de Clovis (11.500 a.C.), sendo estes os primeiros colonizadores da América. Esta teoria está em “Xeque” atualmente, pois existem fatos e atos científicos que comprovam que existiram povos ancestrais aos de Clovis, sendo estes datados de 20.000 anos, portanto 8.500 anos antes do que se entendia como sendo a primeira colonização. Mas o problema não está apenas em descartar a “Teoria da Passagem do Estreito de Bering” (Beringea), mas recai em um dilema de etnia relacionada aos índios americanos, que sempre aceitaram serem de descendência asiática. Assim posto, pergunto: Quais são os reais motivos para não aceitar esta teoria? Questão étnica ou o medo de contrapor uma ideologia norte americana? Quanto a questão étnica, é fácil de compreender, pois se os filhos da terra não forem de descendência asiática, todos os indícios levam a crer que são de origem européia. Ou seja: os mesmos povos que os dizimaram. Este fato por si só, desencadeia entraves a confirmação da Teoria Beringeana.

Ainda enfatizando este tema, deve-se expor que muitos cientistas que escavaram além da linha de 11.500 anos, foram caracterizados de loucos pela comunidade científica, além de conotarem, que estes mesmos pesquisadores forjaram fatos históricos, científicos e arqueológicos. E toda esta discussão surgiu porque alguém, como Niède Guidon (arqueóloga brasileira) resolveu realizar ciência, escavando além do limite de Clovis. Descobrimos vestígios dos primeiros habitantes americanos, que datam, de no mínimo, aproximadamente 60.000 anos atrás (entrevista com a própria pesquisadora, na TVCâmara, na data de 15/06/2008(Fonte:><http://www.camara.gov.br/internet/TVcamara/default.asp?selecao=MAT&velocidade=100k&Materia=50995><). Sendo que muitos cientistas não tinham coragem de expor suas novas descobertas (que retratavam ancestralidade a linha estipulada), por medo de serem excluídos, debochados ou ridicularizados por seus colegas que se dizem cientistas. Cito Darwin como um dos que sofreram com esta ignorância e arrogância expressa por membros das sociedades científicas em geral e as cúpulas sociais que não desejam a ciência etérea.

Devemos refutar e desprezar aqueles “cientistas” que pagam para adquirir suas monografias de graduação, dissertação de mestrado ou tese de doutorado, pois há muito tempo se constata tal atividade, principalmente depois da criação e desenvolvimento da internet, onde é possível encontrar páginas de pessoas que prestam serviços de elaboração de trabalhos científicos/acadêmicos. Não sei quem é mais desprezível, se os que cobram para realizar tais atividades, ou se aqueles que pagam e pedem tal “prestígio”.

Uma maneira de se atenuar tal atividade, seria a realização de bancas científicas de avaliação. Pois atualmente muitas instituições não aderem tal conduta, devido ao tempo e aos custos. Alguns acham que é desnecessário formar uma banca para avaliar um trabalho de doutorado, mestrado ou de graduação. Esta perspectiva facilita e viabiliza o comércio monográfico científico. Com a imposição da banca, pelo menos o falso profissional/cientista deve se dar ao trabalho de ler o que os outros fizeram por ele. Devemos ainda, menosprezar àqueles professores que plágiam trabalhos de alunos e os consultores (parceiros) de conselhos editoriais, que avaliam uma obra, adquirem (pajeiam) as informações mais importantes e desenvolvem seus próprios artigos e/ou obras literárias, reprovando o manuscrito antecedente.

“Canudo” não significa nada, pois muitos recebem diplomas universitários e medalhas, mas obtiveram tais honrarias graças às ideias e trabalhos de outros. Além de existirem livre-docentes que não possuem postura educável e de bons modos, sendo totalmente deseducados. Pois o diploma e títulos são símbolos que representam, não apenas a instituição, mas a capacidade intelectual do indivíduo possuidor deste. Mas este título não delega ao seu detentor o poder de ser mal educado ou de desprezitar qualquer semelhante.

Encontra-se ainda no meio acadêmico, pessoas que realizam pós-

graduação, com o intuito de obter uma aposentadoria remunerada ao nível que se faz jus e não se preocupam com a representatividade de sua titularidade. Muito menos em desenvolver pesquisas que auxiliem a sociedade em geral. Existindo ainda, os que ingressam no ensino superior apenas para receberem o veículo automotor prometido pelos pais e/ou por imposição da família.

“A Ciência está se tornando cada vez mais corrupta, graças ao intelecto macaco humano!”

Geografia deixa de ser uma ciência para se transformar em um patamar político, quando se envolve em questões puramente eleitoreiras ou que não possuem respaldo técnico científico, apenas politicagem. Como foi observado vividamente no ano de 1995 e 1998, quando representantes e organizadores dos Encontros de Estudantes de Geografia (nos anos citados), promoveram passeatas em apoio aos “Sem Terras” e outros grupos que empunhavam bandeiras de partidos políticos, além das bandeiras que representavam os grupos de desencaixados e seus movimentos.

A Geografia, como todos os outros ramos científicos, faz parte da CIÊNCIA, e a ciência não deve estabelecer concordância ou discordância política. A ciência existe para desenvolver trabalhos e buscar soluções para amenizar problemas sociais e ambientais, independente de ações ou respaldo político, promovendo um equilíbrio e bem estar para ambos os lados (sociedade/político/natureza).

A ciência tem de trabalhar para encontrar o equilíbrio entre as ações governamentais e as ações sociais, vinculadas aos desejos de ambas as partes. Responsabilizando-se ainda, em fornecer as diretrizes para as atuações e determinações políticas para o caso estudado e/ou analisado cientificamente. Muito diferente do que ocorre nos dias atuais.

Aos detentores dos poderes, legislativos, executivos e judiciários, devem se lembrar que trabalham para o povo. Sendo que este mesmo povo é quem paga seus honorários, soldos, diárias, horas extras, viagens e etc. Este balanceamento de forças estabelecerá uma melhoria na qualidade de vida dos indivíduos, bem como do próprio Planeta.

O pesquisador tem de ser partidário, pois o regime governamental impõe tal posição, pois ele (o pesquisador) é um cidadão eleitor e pode se candidatar, sendo que as leis de nosso País o obrigam a votar. Mas a ciência tem de ser apolítica e não servir de patamar político. Logo, o pesquisador deve ser cientista e não servir aos interesses políticos, quando prestigia apenas um lado e/ou um grupo minoritário de oportunistas.

Vivemos em um mundo capitalista, desta forma, mediatizamos o suporte científico-político em nossa postura de trabalho. E as atuações governamentais influenciam as ações científicas, pois as verbas de uma pesquisa ou de uma área científica, muitas vezes são geradas por chaves partidárias e seus adeptos. Esta

postura se estabelece em todos os setores de vivência e de trabalho, desde o regime interno de uma instituição até os alicerces da comunidade em geral (nosso próprio lar).

O sistema político administrativo de qualquer entidade ou país exerce uma pressão no desenvolvimento de pesquisas, muitas vezes atrasando a evolução positiva científica. Quando um determinado laboratório ou instituição, não apoiou um membro do partido ou chapa, muitas vezes é desencaixado ou excluído das atividades e do elemento que agora está no controle. Desta forma, este representante atual do poder público ou privado veta as verbas pertinentes. Por outro lado, libera verbas para vários setores que o apoiou, mesmo que estes setores desenvolvam trabalhos irrelevantes ao desenvolvimento científico e social.

Este tipo de atitude mostra que a sociedade (que paga os impostos para ver e ter o desenvolvimento científico) fica desfalcada, enquanto que o “intelecto-macaco-humano brinca de para quem vai o dinheiro”.

No momento atual, lutamos pelo capital e suas virtudes, sendo assim, deflagramos guerras, revoltas e revoluções, simplesmente para ganharmos mais dinheiro, reivindicar direitos ou obter riquezas naturais (petróleo, madeira, etc.). Vivemos em um mundo capitalista!

As estruturas governamentais e/ou particulares devem ver a ciência como apolítica e apoiar-la, para que o nosso planeta, as instituições governamentais ou não e a sociedade como um todo, possam receber informações/ações benéficas ao processo evolutivo construtivo de um mundo melhor para todos.

O indivíduo social (uma pessoa) não consegue separar o profissional do pessoal, além de que todos os campos científicos estão presos aos limites políticos. A dificuldade de se exercer tal função dentro das ciências, é que não há como se desvincular das relações pessoais entre o político e o representante do grupo científico (que acaba se transformando em político). Desta forma, um fica devendo favores ao outro ou sempre reivindicando algo. E como estes representam (direta ou indiretamente) a ciência, de imediato a transforma-se em política(gem) por imposição de favores prestados, pela labuta de conquistas de direitos e concessões, e/ou simplesmente por imposição governamental. Devemos nos lembrar que muitos projetos científicos necessitam de verbas públicas, privadas e ou privada/pública. Tais verbas, somente são concedidas dentro de uma análise sócio-política e com manobras políticas. Porém, não devemos levantar bandeiras, mas sim, trabalhar para encontrar soluções e propiciar um equilíbrio social/ambiental responsável e justo. Desta forma, a ciência respaldará projetos administrativos sócios-políticos, sustentando as ações políticas e não o contraditório, como muito se apresenta atualmente.

Não vos esqueceis de mais um obstáculo, este denominado de “ignorância religiosa”. Não entendo porque é tão difícil para os religiosos e os cientistas, compreenderem que a ciência é um dom divino que nos foi dado, para que

possamos saber como Deus criou e desenvolveu as coisas. Mas vou citar apenas um exemplo desse tipo de ignorância:

Existem escolas norte-americanas que não admitem a teoria evolucionista de Darwin, proibindo os professores de divulgar, comentar ou ensinar as descobertas científicas deste renomado intelectual. Não esqueçamos de Galileu Galilei e Nicolau Copérnico, que também foram severamente castigados por não acatar as palavras dos deuses papais e a divindade religiosa (a igreja).

Este exemplo demonstra que muitos estudiosos teólogos e religiosos (não importa a qual religião pertença) ainda não estão preparados para a ciência, pois duas forças extrapolam a vontade pessoal e moral destas pessoas. Uma dessas forças seria a compenetração aos votos monásticos, que exerce uma relevante coação ao desempenho racional, gerando conflitos no âmago espiritual e imortal do homem. A segunda força, recai na maneira de expor um sentimento reprimido existente em alguns grupos de pessoas, que não suportam a ideia de que nossos ancestrais foram ou são primatas. Mais especificamente...macacos! Sendo assim, se equivalem do pressuposto de que nós, os seres mais perfeitos do universo fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Espero que Deus não seja nem um pouco parecido com estes seres imaculados que deflagram guerrilhas, mentem, corrompem, vendem e compram seus semelhantes, roubam-lhes as ideias, humilham e matam as pessoas. Se assim for, então realmente estamos no patamar mais alto de toda a divindade espiritual desprovida de alma sã. Logo, estamos no inferno! E Gandi, mais que ninguém, conheceu e combateu a ignorância humana e suas “virtudes” regidas nos Séculos XIX e XX.

Um cientista pode ter fé e crer em uma entidade divina, sem se comprometer com suas análises científicas. Porém, não há como ser cientista crendo em religião ou sendo fanático religioso e/ou acerbar credices e instituições (time de futebol, partido político e outras inferências que surgirem em sua mente). A religião repele e isola um grupo de indivíduos, declina o cientificismo e a evolução positiva das sociedades. A crença e a fé em algo ou alguém propõe a união das pessoas e auxilia a concretizar ideais e coisas.

Mas por quê algumas vezes no texto ora lido, aparece a palavra “evolução positiva/negativa”?

No entendimento, deste orador, não existe involução, como muitos falam e o dicionário descreve como: movimento regressivo, **processo de regredir**. Involução significa: Não mutável, que não modifica, que não se transforma, que não evolui. E tudo na natureza se transforma para algo melhor ou pior. E quando o dicionário se refere a palavra processo, conota-se a ideia de ação continuada. Assim sendo, pode-se afirmar que evolução negativa refere-se a uma mudança inferior, ruim, inadequada e/ou regressiva.

Voltando ao assunto especificado, faz-se necessário expor todos os relevantes conhecimentos adquiridos pelas pesquisas científicas, para que possamos

evoluir positivamente e prosperamente, caminhando para o futuro e não mais para uma idade das trevas.

Palavras de Morus (Utopia, p.13) *“Não somos profetas para saber, antes de experimentar, se a legislação polilerita convém ou não ao nosso país. Todavia, parece-me que depois do pronunciamento da sentença de morte, o príncipe poderia decretar o sursis, a fim de experimentar este novo sistema de repressão, abolindo, ao mesmo tempo, os privilégios dos lugares de asilo. Se a experiência desses bons resultados, adotariamos o sistema; se não, que os condenados continuem a ser levados ao suplício. Essa maneira de proceder apenas suspende o curso da justiça e não oferece nenhum perigo no intervalo. Irei mesmo além, creio que seria muito útil tomar medidas igualmente moderadas e sábias para reprimir e acabar com a vagabundagem. Temos acumulado leis sobre leis contra este flagelo e o mal é hoje pior do que nunca. Apenas terminara o cardeal, os louvores mais exagerados acolheram as opiniões expendidas por Sua Eminência, as quais não tinham encontrado senão desprezo e desdém quando sozinho as sustentara.”*

São Tomás Morus, ex-lorde chanceler do Reino da Inglaterra, foi decapitado porque se opôs ao divórcio de Henrique VIII e não aceitou o ato pelo qual aquele monarca rompeu com o Papado. Essa obra descreve um Estado imaginário sem propriedade privada nem dinheiro, preocupado com a felicidade coletiva e a organização da produção, mas de fundamento religioso. Seu modelo é a República e As leis de Platão. Além de lançar as bases do socialismo econômico, Morus cunhou a palavra utopia, que significa literalmente o não-lugar de nenhum lugar.

PALAVRAS FINAIS

"A história da ciência é a história das substituições de paradigmas após uma situação de crise à qual pode se seguir uma revolução científica".
(I. L. ARAÚJO)

As palavras de uma aluna (do ensino fundamental) da cidade de Rio Claro no Estado de São Paulo, *“Geografia é aquela matéria que só mostra coisas de ricos e pobres”* (frase descrita na Revista Galileu, nº 134, ano 12. p. 86-87. Ed. Globo. São Paulo, 2002), demonstra bem esta sobreposição dos enfoques sociais e o desencaixe geográfico.

A Geografia não é uma ciência restrita ao social, pois se assim fosse, se estabeleceria no campo da sociologia (e seria sociologia), e outras ciências sociais. A observação desta aluna do ensino fundamental esclarece muito bem o que se

desenvolve em sala de aula durante a disciplina de Geografia. Os professores não têm muita culpa, pois suas praxes se voltam ao que foi aprendido nas academias. E os geógrafos que desenvolvem os livros didáticos ou apostilas, enfocam muitas vezes uma geografia fora de seu objeto de estudo.

Além de realizar pesquisas voltadas às naturezas, os geógrafos devem trabalhar para desenvolver projetos e propostas que auxiliem no desenvolvimento, crescimento e prosperidade de todas as camadas sociais, inclusive políticas e militares. Podendo ser estas globais (mundialmente falando) ou locais. Tendo sempre a visão de que estudamos os fenômenos físicos e humanos como uma relação mutualística estreita e indefinidamente fundamental e funcional, devendo ser analisadas cientificamente, comparando-as e correlacionando-as conjuntamente. Tal propriedade de análise impõe um estudo simultâneo das ocorrências físicas e sociais. Ou seja: Como a sociedade contribui para aquele fenômeno? E como este fenômeno interfere no meio social? Este tipo de enfoque somente é observado e analisado pela Geografia. Nenhuma outra ciência possui esta característica e/ou enfoque.

Realizar um levantamento populacional e elaborar uma pirâmide de classes, não é de cunho geográfico. Porém, quando se faz tais procedimentos enfocando a sustentabilidade ecológica das duas naturezas, então este é um trabalho exclusivamente do geógrafo.

Desde o surgimento do primeiro homínido na superfície terrestre, estabeleceu-se a relação individual e social deste ser com os demais componentes da natureza. E a ciência que melhor visualiza esta relação é a Geografia. Não a Geografia Humana e não a Geografia Física, mas a Geografia que estabelece a relação sociedade/natureza na íntegra.

A Geografia é e sempre foi a Ciência das relações humanas com a natureza (relação do homem/sociedade onde ele(a) está). O que os geógrafos objetivam são as relações, fluxos, dinâmica desenvolvimentista, correlações e interações que se estabelece entre a sociedade humana e seus impactos (positivos e negativos) com a natureza e vice-versa. Logo, o espaço por si só, é irrelevante aos questionamentos geográficos.

A Geografia deve conceber suas próprias teorias!

E a você que chegou a ler até aqui, agora tem algo novo para analisar e discutir com seus colegas ou com si mesmo. Você pode até desenvolver uma atividade acadêmica, familiar ou social, criando um tribunal para julgar estas questões aqui postuladas. Afinal...nós criamos espaços ou ambientes?

Aproveito para agradecer aos nobres leitores por esta oportunidade de explicar tais pensamentos e por sua espontânea leitura deste.

BIBLIOGRAFIA

1. AB'SABER, A. N. & MENEZES, C. "O que é ser Geógrafo: Memórias Profissionais de Azir Nacib Ab`Saber em Depoimentos a Cynara Menezes". Ed. Record, Rio de Janeiro-RJ, 2007.
2. ANDRADE FILHO, F. Antônio de. "Teoria dos Valores". In site O Recado da Pesquisa (<http://www.orecado.cjb.net>), outubro de 2000.
3. ANDRADE, M. Correia de - "Atualidade do pensamento de Élisée Reclus" in ANDRADE, M. Correia de (org.) Élisée Reclus. São Paulo: Ed. Ática, 1985, pp. 7-36 .
4. AUGÉ M. "Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade". Campinas, Ed. Papirus, 1994.
5. BARSA. Enciclopédia Ed. Barsa Planeta, São Paulo, 2000.
6. BECK U. "Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna". Ed. UNESP, 1997.
7. BECKER, Bertha K. - "A geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável" In CAPEL, Horacio - "El curso de las ideas científicas " tercera parte In Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea. Espanha: Barcanova, 1981, pp. 245-509.
8. BERTALANFFY, L. Teoria Geral dos Sistemas. Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 1973.
9. BERTRAND, G. Paysage et Géographie Physique Globale: esquisse méthodologique. Revue Géographique des Pyrenées et du Sud-Quest 39(3). Toulouse, 1973. p. 249-272.
10. BRAIDWOOD, P. "Filosofia da Ciência em Evidência". Ed. Companhia Editora Nacional, 1907. São Paulo-SP.
11. BRÉHIER, Émile, "Historia de La Filosofía", Buenos Aires, Editorial Sudamericana, Tomo Primero, 1948.
12. BRUNET, In: Folha de São Paulo – 15/07/2002. p.11
13. CASTRO, I. et alli (orgs) – "Geografia: conceitos e temas", Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995, PP. 271-307.
14. CAVELL, S. "Declining Decline, Wittgenstein as a Philosopher of Culture". In: Lectures after Emerson, Batch Press, Novo México, 1989.
15. CHRISTOFOLETTI, A. - "As Características da Nova Geografia" In CHRISTOFOLETTI, A. (org.) – "Perspectiva da Geografia", 2ª edição. São Paulo: DIFEL, 1985.
16. COSTA, W. M. "Geografia Política e Geopolítica". São Paulo, Hucitec/EDUSP, 1992.

17. DANTE, A. (2002) – p. 44. Título original: "La Divina Commedia". Tradução de Fábio M. Alberti – São Paulo: Editora Nova Cultura, 2002.
18. DEMANGEON, A. "Transcrito do livro Problèmes de Géographie Humaine" (Paris, Librairie Armand Colin, 1952), p. 25-34. Tradução de Jaci Silva Fonseca.
19. DESCARTES R. "Discurso do Método". In: Versão eletrônica do livro "Discurso do Método" Autor: Descartes Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis>
20. DIAS, L. C "Redes: emergências e organização" in CASTRO, Iná et alli (orgs) - Geografia: conceitos e temas, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995, pp. 141-162.
21. Dio Chrysostom, London: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1971, volumes 1-5.
22. DOWNING, G. F. C. and the Cynics. Sheffield, JSOT Press, 1988.
23. _____. Cynics and Christian Origins. Edinburgh, T&T Clark, 1992.
24. DUDLEY, Donald B. A History of Cynism. Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967.
25. EINSTEIN A. "Ciência e Religião" (1939-1941) - Págs. 25 a 34. Título original: "Out of my later years." Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges - Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1994.
26. ENGELS, F. "Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem". Escrito por Engels em 1876. Publicado pela primeira vez em 1896 em Neue Zeit. Publica-se segundo com a edição soviética de 1952, de acordo com o manuscrito, em alemão. Traduzido do espanhol.
27. EVANGELISTA, H. de Araujo - "Geografia Humana: uma ciência ?" in Cadernos de Doutorado. Rio de Janeiro, mimeo. 1996.
28. FERIGOLO, J. "As Teorias Evolutivas e Popper", uma avaliação Crítica. In: Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Geologia, Rio de Janeiro, pp. 478-88. RJ, 1984.
29. FERREIRA, Conceição Coelho e SIMÕES, Natércia Neves - "A Geografia Quantitativa" In A evolução do pensamento geográfico. Lisboa: Ed. Gradiva, 1986.
30. FEYERABEND, P. "Adeus à Razão". In: Mestres da Modernidade. Ed. Cultrix. São Paulo, 1987.
31. _____. "Contra o Método". In: Mestres da Modernidade. Ed. Cultrix. São Paulo, 1975.
32. FOUCAULT, M. (ed.) Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma sœur et mon frère. Paris, Gallimard-Julliard, 1973.
33. FREIRE-MAIA, N. "Teoria da Evolução: de Darwin à Teoria sintética". Ed. Itatiaia, Ed. Univ. São Paulo, p. 415. São Paulo, 1988.

34. GIDDENS, A. “As Conseqüências da Modernidade”. Ed. UNESP. São Paulo, 1991.
35. _____ “Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna”. Ed. UNESP, 1997.
36. GOMES, Paulo Cesar da Costa – “Geografia e modernidade”. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1996.
37. GOMPERZ, Theodor, Pensadores Griegos, “História de la Filosofia de la Antigüidade”, Assuncion, Editorial Guaranía, s.d.
38. GUIDON, NIÈDE. TV Câmara – Personalidade, Participam da entrevista, no Salão Nobre da Câmara dos Deputados, o pesquisador Bismarque Villa Real e o jornalista da Rádio Câmara José Carlos Oliveira. A apresentação do programa é de Isabele Machado, jornalista da TV Câmara, 15/06/2008. Vídeo-arquivo formato wm (18:08 min.).
39. HALLER, R. Neopositivismus, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1993.
40. _____ War Wittgenstein von Spengler beeinflusst? In: Fragen zu Wittgenstein und Aufsätze zur österreichischen Philosophie, Rodopi, Amesterdã 1986.
41. HARTSHORNE, R. “Propósitos e Natureza da Geografia”. Ed. HUCITEC-EDUSP, São Paulo, 1979.
42. HARVEY, David – “A condição pós-moderna - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural” , 3ª edição. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.
43. HOLZER, Werther – “A Geografia Humanista - sua trajetória de 1950 a 1990”. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. Dissertação de Mestrado em Geografia.
44. HUME, D. “Ensaio Sobre o Entendimento Humano”. Versão eletrônica do livro “Investigação Acerca do ntendimento Humano” Autor: David Hume Tradução: Anoar Aiex Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>
45. _____ “The Review of Metaphysics”, vol. III, 2, Dez, 1949.
46. IANNI, O. – “Estado e capitalismo”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
47. INGALLS, Daniel H. H., Cynics and Pāsupatas: The seeking of Dishonor in: Harvard Theological Review, Cambridge, Cambridge Harvard University Press, 1962, volume LV.
48. JANIK, A. & Toulmin, S. Wittgenstein’s Vienna, Simon & Schuster, Nova Iorque 1973.
49. _____. Nyiri on the Conservatism of Wittgenstein’s Later Philosophy in Style, Politics and the Future of Philosophy, Dordrecht, 1989.
50. JOHSTON, R. J.- “Geografia e geógrafos: a geografia humana anglo-

- americana desde 1945”, (1ª ed. em inglês em 1979), trad. Oswaldo Bueno Amorim Filho. São Paulo : DIFEL, 1986 b.
51. KANT, I. Was ist Aufklärung?, Reclam, Universal Bibliothek, Nr. 9714.
 52. KUHN, T. “The Structure of Scientific Revolutions” (1962) publ. University of Chicago Press, 1962.
 53. LACOSTE, Y. – “A Geografia- Isso Serve, em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra”. (edição francesa de 1985), trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ed. Papirus, 1988.
 54. LACOSTE, Y. “Liquidar a Geografia ...Liquidar a idéia Nacional ?” In VESENTINI, José William (org.) – “Geografia e ensino: textos críticos”, trad. Josette Gian. São Paulo: Ed. Papirus, 1989, pp. 31-82.
 55. LAERTIOS, D. “Vida e Doutrina dos filósofos Ilustres”. Ed. UNB, Brasília, 1988.
 56. _____ “Lives eminent philosophers”, Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1995, volume 2.
 57. LASH, S. “Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna”. Ed. UNESP, 1997.
 58. LIMA VAZ, Henrique C. de. “Ética e Justiça: Filosofia do agir humano”, in PINHEIRO, José Ernanne. Ética, Justiça e Direito – reflexões sobre a reforma do judiciário, Vozes, 1996.
 59. LIPIETZ, A. “El capital y su espacio. Siglo XXI, Barcelona, 1979.
 60. LOSEE, J. Introdução Histórica a Filosofia da Ciência. In: O Homem e a Ciência (trad. Borisa Cimbleiris). Ed. Itatiaia São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.
 61. MACHADO, L. O. - “Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)” in CASTRO, Iná et alli (orgs.) - Geografia: conceitos e temas, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995, pp. 309-353.
 62. MAGEE, B. “As Idéias de Popper”. Ed. Cultrix. São Paulo, 1979.
 63. MALHERBE, A.. The Cynic Epistles. Scholars Press, Missoula, 1977.
 64. MAYR, E. “Populações, espécies e evolução”. Editora da Universidade de São Paulo, Série 3ª. (Ciências Puras), Vol. 5. p.485. São Paulo, 1977.
 65. MEADOWS, D. Die Grenzen des Wachstums, Estugarda, 1972.
 66. MELLO, J. B. F. - O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. Dissertação de Mestrado em Geografia.
 67. MENDOZA, J. G. - “Los radicalismos geográficos” In: El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales). Madrid: Alianza Editorial, 1982, pp. 134-154.
 68. MESQUITA FILHO, A. “A Equação do Elétron e o Eletromagnetismo”, Editora Ateniense, São Paulo. 1993.

69. MIEGEL, M. Das Ende des Individualismus. Die Kultur des Westens zerstört sich selbst, Verlag Bonn aktuel, Bona, 1994.
70. MOLES, J.L. "Honestius quam ambitiosius?" an exploration of the cynic's attitude to moral corruption in his fellow men. In: The Journal of Hellenic Studies, British Academy, 1983. Vol. CIII.
71. MORAES, A. C. Robert de - "A sistematização da Geografia Moderna" In: A gênese da geografia moderna. São Paulo : Ed. Hucitec, 1989, pp. 15-25.
72. _____ – "Geografia Pequena História Crítica", 14ª edição. São Paulo: Ed. Hucitec, , 1987.
73. _____ "O Positivismo como fundamento da Geografia" In Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Ed. Hucitec, 1981, pp. 21-31.
74. _____ et COSTA, W. Messias da – "Geografia crítica - a valorização do espaço", 2ª edição. São Paulo: Ed. Hucitec, , 1987.
75. MOREIRA, Rui "O Que é Geografia ?". Ed. Brasiliense. Rio de Janeiro;, 1982.
76. MORUS, T. Utopia. Ed. L&PM, 1989.
77. NEURATH, O. Wissenschaftliche Weltauffassung. Der Wiener Kreis. Sozialismus und Logischer Empirismus, herausgegeben von Rainer Hegselmann, suhrkamp taschenbuch wissenschaft, Frankfurt am Main, 1979.
78. NITSCHKE, J.C.V. CD-Três Barras do Paraná. 1. ed. Curitiba – Paraná: Letra das Artes & AGB-Curitiba, 2002.
79. _____ "Três Barras do Paraná". Ed. Letra das Artes. Curitiba – Pr, 2001.
80. _____ "Espaço...Realmente é o Objeto de Estudo da Geografia?". Rev. Publicatio - UEPG – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias: 7 (1), 33-41, 2001.
81. _____ "Desenvolvimento Sustentável e Influências Sócio-Econômicas Geradas no Município de Três Barras do Paraná, devido a Construção de Salto Caxias. Revista Paranaense de Geografia, Paraná-Brasil, v.7, p.07-16,2001.
82. NITSCHKE, J.C.V. & ALMEIDA, C. D. de. "Proposta Metodológica para Elaboração de Diagnósticos Municipais". Rev. Paran. Geogr. N. 5, Curitiba, 2000 p. 49-54.
83. ODUM, E.P. "Ecologia" Ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, RJ. 1988. Título original: "Basic Ecology". Tradução de Christopher J. Tribe.
84. O'NEIL, Edward (editor), Teles (The cynic teacher), Missoula: Scholars Press, The society of biblical literature, 1977.
85. PAQUET, Léonce. Les cyniques grecs fragments et témoignages. Les Press de l'Université d'Ottawa, Canada, , 1988. Collection Philosophica 35.
86. PASCAL, B. Deux pièces imparfaites sur la grâce et le Concile de Trente,

- Jean Vrin, Paris, 1947.
87. PEET, R. Desigualdade e Pobreza. Transcript dos Annals of the Association of American Geographers, 65 (4): 564-575, 1975. Título do original: "Inequality and Poverty: a Marxism-geographic theory". Tradução de Nara Cuman Motta.
 88. PLATÃO, Versão eletrônica do livro "Apologia de Sócrates" Autor: Platão - Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis>.
 89. POPPER, K. "Conjectures and Refutations": The Growth of Scientific Knowledge, Routledge & Kegan Paul, 1972.
 90. _____ "Poverty of Historicism", Routledge & Kegan Paul, 1961.
 91. _____ "The Logic of Scientific Discovery". 2ª ed. Ed. Hutchinson. 1968.
 92. _____ "O Conhecimento Objetivo". Uma Abordagem Evolutiva. Ed. Itatiaia. Belo Horizonte, 1975.
 93. _____ "Sociedade Aberta; Universo Aberto". 2ª ed. Ed. Publicações Dom Quixote, p. 112. Lisboa, 1991.
 94. _____."The Open Society and its Enemies", Routledge & Kegan Paul, 1966.
 95. _____ "Previsão e Profecias nas Ciências Sociais". In: Teorias da História, ed. Patrick Gardiner, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 334-346, 1994.
 96. REALE, Giovanni. "História da Filosofia Antiga", São Paulo, Loyola, 1994, volumes III e IV.
 97. REALE, Giovanni-ANTISERI, Dario. "História da Filosofia". Vol 1. Ed. Paulus. São Paulo, 1990,
 98. RICH, Audrey N. M. The Cynic conception of autarkeia. In: MNEMOSYNE, 1956, Séries IV, Vol. IX, Fasc. 01.
 99. SANTOS, M. "A Revolução Tecnológica e o Território: Realidades e Perspectivas". In: Revista Terra Livre – AGB. Nº 9, p. 07-18. São Paulo, 1991
 100. _____, M. "Metamorfose do Espaço habitado". Ed. HUCITEC. São Paulo, 1996.
 101. "O espaço Geográfico como categoria filosófica". Anais 5º. Encontro Nacional de Geógrafos: 1982, contribuições científicas, Porto Alegre, 1983, p. 41-53.
 - 102.101. _____. "Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica". Ed. HUCITEC. São Paulo, 1978.
 103. SCHAEFER, F. "Excepcionalismo na Geografia" In Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro, 7 (13), pp. 5-37, 1977.
 104. SOTCHAVA, V. O Estudo dos Geossistemas. Método em Questão n. 16 (tradução) IGEOG-USP. São Paulo, 1977.

- 105.SCHMIDT-NIELSEN, Knut: (1999). “Fisiologia Animal: Adaptação e Meio Ambiente”. 5. ed. São Paulo/BRA: Ed. Santos.
- 106.SODRÉ M. “Antropologia do Espelho - uma teoria da comunicação linear e em rede”. Ed. Vozes. São Paulo, 2002.
- 107._____. “Introdução a Geografia. Geografia e ideologia. Ed. Vozes. Petrópolis-RJ, 1977.
- 108.SOJA, E. “Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica”. Trad. Vera Ribeiro (2ª edição em inglês); revisão técnica Bertha Becker e Lia Machado. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.
- 109.SPINOSA, Versão eletrônica do livro “Tratado da Correção do Intelecto”
- 110.STALIN. “Materialismo Dialético e Materialismo Histórico” Coleção Base 10. 3ª ed. Ed. Global. São Paulo, 1982.
- 111.TUAN, Yi-Fu - “Perspectiva Experiencial” In: Espaço e Lugar - a perspectiva da experiência, trad. Lívia de Oliveira (1ª ed. em inglês em 1977). São Paulo: DIFEL, 1983, pp. 22-38.
- 112.VAAGE, Lief Eric, Like dogs barkijng: cynic parrêsia and shameless asceticism, in: SEMEIA, Atlanta, Scholars Press, 1992, número 57.
- 113.VYGOTSKY, L. S. “Pensamento e Linguagem” Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org)
- 114.WILLIANS, A. “A Literatura na Ciência”. In site O Recado da Pesquisa (<http://www.orecado.cjb.net>), p. 43 a 60, 1998.

SITES VISITADOS

1. <http://og.infg.com.br/in/17323829-bfd-afd/FT1500A/550/buracos-negros-binarios.jpg>
2. <https://babeldasartes.wordpress.com/2008/11/27/arte-indigena-e-a-ceramica-marajoara-de-icoaraci-pa/>
3. <http://www.cibergeo.org.br>

NOTAS DE FIM

ⁱ este termo foi usado porque um fato jocoso ocorreu quando apresentava um trabalho em um simpósio quando disse a seguinte expressão: “O homem está impactando o meio ambiente (...)”. E fui interrompido por uma ouvinte, aluna do curso de Geografia, que disse: “Mas e a mulher? Porque é só o homem?”